

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

ERIKA LUCIA OSORIO GIANNONI

***AQUÍ SE RESPIRA LUCHA: UMA ANÁLISE SOBRE A MEMÓRIA A PARTIR DA
TRAJETÓRIA DE VIDA POLÍTICA DE MILITANTES URUGUAIOS***

Porto Alegre

2018

ERIKA LUCIA OSORIO GIANNONI

***AQUÍ SE RESPIRA LUCHA: UMA ANÁLISE SOBRE A MEMÓRIA A PARTIR DA
TRAJETÓRIA DE VIDA POLÍTICA DE MILITANTES URUGUAIOS***

Trabalho de Conclusão do Curso de Ciências Sociais, a ser apresentado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Caleb Farias Alves

Porto Alegre

2018

CIP - Catalogação na Publicação

Giannoni, Erika Lucia Osorio
AQUÍ SE RESPIRA LUCHA: UMA ANÁLISE SOBRE A MEMÓRIA
A PARTIR DA TRAJETÓRIA DE VIDA POLÍTICA DE MILITANTES
URUGUAIOS / Erika Lucia Osorio Giannoni. -- 2018.
102 f.
Orientador: Caleb Farias Alves.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Filosofia e Ciências Humanas, Bacharelado em
Ciências Sociais, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Memória Coletiva. 2. História de Vida . 3.
Tupamaros. I. Alves, Caleb Farias, orient. II.
Titulo.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

AUTORIZAÇÃO

Autorizo o encaminhamento para avaliação e defesa pública do TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) intitulado *Aquí se respira lucha*: uma análise sobre a memória a partir da trajetória de vida política de militantes uruguaios, de autoria de Erika Lucia Osorio Giannoni, desenvolvida sob minha orientação.

Porto Alegre, 29 de junho de 2018.

Assinatura:

Prof. Dr. Caleb Farias Alves

Erika Lucia Osorio Giannoni

***AQUÍ SE RESPIRA LUCHA: UMA ANÁLISE SOBRE A MEMÓRIA A PARTIR DA
TRAJETÓRIA DE VIDA POLÍTICA DE MILITANTES URUGUAIOS***

Trabalho de conclusão de curso apresentado
ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
da Universidade Federal do Rio Grande do
Sul para obtenção do grau de Bacharel em
Ciências Sociais

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Caleb Farias Alves (Orientador)

Prof. Dda. Ana Carine Cerva (UFRGS)

Prof. Dr. Enrique Serra Padrós (UFRGS)

Porto Alegre, 09 de julho de 2018.

Dedico este trabalho à guerrilheira Tupamaro Dora Collman (*in memoriam*), e a todos aqueles que contribuíram para o fim do regime militar na América Latina.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente ao meu orientador Professor Caleb Faria, por ter me oferecido a oportunidade de registrar esta história de vida, ter me ajudado a evoluir enquanto pessoa acadêmica e por me auxiliar na expressão escrita.

Agradeço a minha mãe biológica Maria Alejandra Gianoni e a minha mãe do coração Maria Luísa Garroni, por terem me incentivado a ingressar na universidade e por terem feito deste sonho uma realidade.

Agradeço a meu pai Juan Pedro Osorio, por ter me mostrado que podemos alcançar a graduação em qualquer momento de nossas vidas.

Agradeço às minhas irmãs, Luana Ribeiro, Vanessa Giannoni e Sarah Giannoni, por terem me oferecido suporte emocional ao longo da trajetória universitária.

Agradeço aos meus sogros Tanara Munhoz e Ademar de Moraes, por terem sido os melhores pais substitutos do mundo, me oferecendo afeto familiar enquanto estive longe de meus pais.

Agradeço ao meu companheiro Leonardo Munhoz de Moraes, por me ouvir, ser meu confidente e meu melhor amigo durante esses anos todos.

Agradeço aos meus amigos e colegas de trabalho, principalmente minha querida amiga Roberta Pinto que teve a paciência em ouvir minhas histórias e dramas pessoais, bem como me ajudou a confiar mais na minha escrita.

Agradeço aos meus tios Sérgio e Tatiana, por me hospedarem em seu lar com tanto carinho, para que a entrevista com os avós fosse possível.

Agradeço aos meus tios avós, Chiquita e Santos por confiarem a mim suas histórias de vida e permitirem que suas memórias sejam materializadas neste trabalho.

“Los científicos dicen que estamos echos de átomos pero a mí um pajarito me contó que estamos echos de historias” (Eduardo Galeano).

RESUMO

O estudo aborda as memórias de vida de três integrantes do movimento político de esquerda no Uruguai. Os registros são do final da década de 1960 até o início da década de 1980. Se utiliza como viés teórico os estudos de Maurice Halbwachs do século XX, e suas influências acadêmicas acerca do fenômeno da memória como fator coletivo. O objetivo principal é compreender a memória coletiva e individual por meio dos registros nas narrativas evocadas em entrevista. O trabalho resultou em conseguir aplicar os conceitos de memória nas histórias de vida dos entrevistados, conseguindo localizar de forma prática que os grupos sociais dos quais fazemos parte se mantêm ao longo do tempo pela convergência da *memória individual* e *memória coletiva*. Também foi observado que a memória além de ser biológica é organizada de forma social, com um tempo próprio diferente de fatos históricos. Se observou também que os indivíduos organizam suas lembranças conforme suas vivências em grupo, por isso a memória é um conceito a ser tratado por meio de uma coletividade.

Palavras-chave: Memória coletiva. História de vida. Tupamaros.

RESUMEN

El estudio aborda las memorias de vida de tres integrantes del movimiento político de izquierda en Uruguay, los registros son de finales de la década de 1960 hasta los principios de la década de 1980. Se utiliza como sesgo teórico los estudios de Maurice Halbwachs del siglo XX, y sus influencias académicas acerca del fenómeno de la memoria como factor colectivo. El objetivo principal es comprender la memoria colectiva e individual a través de los registros en las narraciones evocadas en una entrevista. El trabajo tuvo resultó en conseguir aplicar los conceptos de memoria en las historias de vida de los entrevistados, consiguiendo localizar de forma práctica que los grupos sociales de los cuales hacemos parte se mantienen a lo largo del tiempo por la convergencia de la *memoria individual* y *memoria colectiva*. También se observó que la memoria además de ser biológica es organizada de forma social, con un tiempo propio diferente de hechos históricos. Se observó también que los individuos organizan sus recuerdos conforme sus vivencias en grupo, por eso la memoria es un concepto que debe ser tratado por medio de una colectividad.

Palabras-clave: Memoria colectiva. Historia de vida. Tupamaros.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Santos em ato político na Suécia, década de 1970	50
Figura 2 – Dora com o casaco de pele. Exílio na Suécia, década de 1970	54
Figura 3 – Dora. Exílio na Suécia. Década de 1970.....	55
Figura 4 – Fachada da Sede Gelos Bonilla. Maldonado – 11.02.2018	58
Figura 5 – Bandeira do comitê de base, no interior da sede – 11.02.2018	58
Figura 6 – Entrada do comitê de base, algumas bandeiras dos partidos que compõe o Frente Amplio – 11.02.2018	59
Figura 7 – Bandeira localizada na sede Gelos Bonilla, autografada por Lucía	60

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	TEORIA DA MEMÓRIA: NOÇÕES INICIAIS E LINHA TEÓRICA	15
2.1	DURKHEIM: A DELIMITAÇÃO NA SOCIOLOGIA E O SENTIDO DE COLETIVO.....	16
2.2	PERCEPÇÃO DE TEMPO NA TEORIA DA MEMÓRIA: INFLUÊNCIA BERGSONIANA.....	19
2.3	PONTOS DE REFERÊNCIA: INFLUÊNCIA PARA A TEORIA DA MEMÓRIA.....	21
2.4	O FENÔMENO DA MEMÓRIA: PONTO DE VISTA HALBWACHSIANO.....	23
3	CAMPO E METODOLOGIA DE PESQUISA	29
3.1	DORA: PELA MEMÓRIA DE SANTOS.....	29
3.2	“ELES”: MEMÓRIA SOBRE A PERSEGUIÇÃO POLÍTICA, TORTURA E EXÍLIO.....	33
3.3	MEMÓRIA DE CHIQUITA: PARENTES EXILADOS E O RETORNO DE DORA.....	38
4	ANÁLISE	45
4.1	CONCEITOS INICIAIS DA MEMÓRIA NOS RELATOS DE SANTOS E CHIQUITA.....	45
4.2	MEMÓRIA COLETIVA NA HISTÓRIA DE SANTOS, DORA E CHIQUITA.....	48
4.3	DORA: POR CHIQUITA E SANTOS.....	52
4.4	O PAPEL DA MEMÓRIA COLETIVA NO PRESENTE DE SANTOS E CHIQUITA.....	57
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
	REFERÊNCIAS	64
	APÊNDICE A – Fotos do exílio	66
	APÊNDICE B – Transcrição da entrevista 1	73
	APÊNDICE C – Transcrição da entrevista 2	77

1 INTRODUÇÃO

O fenômeno da memória provoca desde o início do século XX uma curiosidade científica em diferentes áreas de conhecimento. Compreender como os indivíduos registram eventos do passado e como isso influencia suas vidas em um tempo presente é o que move esses estudos e também esta pesquisa. Nesse contexto há uma contribuição na área das ciências sociais a partir da teoria da memória coletiva do sociólogo Maurice Halbwachs no início da década de 1920. A partir das influências teóricas desse autor e seus estudos na área, o objetivo deste trabalho é compreender como funciona o fenômeno da memória e seus desdobramentos a partir do relato das histórias de vida dos indivíduos.

Para compreender os conceitos teóricos desenvolvidos por Halbwachs no século XX, se escolheu a história de vida de três militantes do movimento de esquerda uruguaio e suas lembranças acerca das vivências em movimentos clandestinos, perseguições políticas do regime militar, prisões, torturas, o exílio na Europa e de que maneira essas recordações influenciaram suas vidas. A escolha dessas pessoas para uma abordagem teórica da memória somente foi possível por meio de parentesco. Sendo sobrinha neta dos três entrevistados pude obter informações privilegiadas de suas vivências marcantes e particulares. Embora tenha ligação familiar com essas pessoas, somente as conhecia por meio das histórias contadas em família, nunca havia tido contato com elas nem as conhecia pessoalmente. Com isto foi possível obter a experiência de pesquisadora sem que o vínculo afetivo pudesse de alguma interferir nos resultados obtidos.

Para entender melhor a história de Santos, Chiquita e Dora, utilizamos dos livros doados por Chiquita para ter uma noção sobre qual movimento político estavam inseridos e um pouco do contexto histórico da época que evocam suas lembranças. É preciso deixar claro nesta introdução que o objetivo deste trabalho não é delimitar abordagens políticas, como partidos, correntes de pensamento, contextos histórico-políticos, enfim estudos profundos acerca dos movimentos sociais da época. O foco está na memória das pessoas e suas experiências em grupos políticos de esquerda. Dora foi integrante do Movimento de Libertação Nacional – Tupamaros, um grupo que segundo Harari (1989) surge a partir da crise econômica do final da década de 1950 no Uruguai. A falta de emprego e direitos fundamentais ameaçados pelo advento capitalista, provocou um nascimento de “um

movimento popular, que defendia a todo o povo, trabalhadores, estudantes e classes médias” (HARARI, 1989, p. 205)¹. O autor descreve o grupo como um *Robin Hood* silencioso ao ganhar a simpatia das camadas populares praticando ações como sequestros de políticos corruptos e roubos de cassinos para ajudar a população miserável. O movimento se consolidou na década de 1960 e teve como integrantes pessoas de todas as camadas sociais, principalmente estudantes jovens. Embora tivesse uma vertente influenciada pela Revolução Cubana, não se denominava como um partido político e sim como um movimento de guerrilha urbana, com o objetivo de desestabilizar o governo conservador e conquistar os direitos fundamentais da população uruguaia. Em linhas gerais, “O M.L.N [...] foi um movimento revolucionário baseado na unidade de diversas tendências, e foi criando sem ser consciente disso, um embrião de Poder Popular” (HARARI, 1989, p. 207), tradução nossa)².

Santos e Chiquita não foram integrantes ativos no Movimento Tupamaro. Atuavam mais em nível sindical, entretanto são filiados ao MPP – Movimento de Participação Popular, partido que encabeça a Frente Ampla no Uruguai. No início da década de 1970, com a ameaça de um golpe político houve a necessidade de organizar um único bloco que representaria o movimento de esquerda no país. Essa Frente foi composta por movimentos sociais e partidos políticos com um ideal comum, e é nesse grupo que situamos os entrevistados desta pesquisa. Segundo a cartilha “Por que uma Frente grande?” (1987), a reorganização atual do bloco se denomina como uma convocação das memórias deixadas por um alinhamento político de esquerda, e tem como principal objetivo organizar as bases populares, no sentido de expressar uma unidade contra o autoritarismo e as exclusões sociais.

A partir dessa noção de contexto histórico, a intenção deste estudo é conseguir interpretar as histórias de vida usando como viés metodológico a temporalidade das memórias dos entrevistados, principalmente na construção da história de militância de Dora que esteve presente na entrevista por meio da memória de Santos e Chiquita.

¹ No original: “El M.L.N [...] era un movimiento popular, que defendía a todo el pueblo, obreros, estudiantes, capas medias”.

² No original: “El MLN fue un movimiento revolucionario de unidad por la base de diversas tendencias, que fue creando sin ser consciente de ello, un embrión de Poder Popular”.

Para coletar os dados foi necessário o deslocamento até os departamentos³ de Montevideu e Maldonado no Uruguai, onde realizei a primeira etapa que consistiu em entrevistas. Para a análise do campo, utilizei os registros de áudio e fotos concedidos pelos entrevistados.

³ Unidade de divisão administrativa de alguns países. Assim como denominamos as divisões geográficas de estado no Brasil de municípios, no caso do Uruguai denominamos de departamentos.

2 TEORIA DA MEMÓRIA: NOÇÕES INICIAIS E LINHA TEÓRICA

O fenômeno da memória e suas interfaces começou a ser abordado a partir do final do século XIX por várias disciplinas de conhecimento, e se tornou um eixo de desenvolvimento em áreas como a Psicologia, Filosofia, História e a Sociologia. Embora segundo Terdiman (1993), existisse uma obsessão dos registros de memória nos fins desse século e início do século XX, foi somente na década de 1970 que houve um interesse dos cientistas sociais em abordar este tema em suas pesquisas.

O objeto destas diversas análises está em investigar as distintas formas pelas quais somos moldados pelo passado, em diversos aspectos, sendo consciente ou inconsciente, através da esfera pública ou privada, de forma material ou comunicativa e por consenso ou conflito. Por estar situado em um campo tão vasto de conhecimento se torna difícil uma exata delimitação do fenômeno, por isso é um terreno de pesquisa difícil de conceituar como mencionam Olick e Robins (1998).

Nos anos 80 houve uma preocupação por autores franceses, como o historiador Pierre Nora, em registrar uma identidade nacional através da memória das pessoas, por meio de suas histórias de vida. Ouvir essas pessoas e seus costumes no cotidiano faz com que a história oral seja alvo de pesquisas. Para isso foi preciso encontrar uma metodologia que se aplicasse nesse contexto. Na tentativa de aproximar daquilo que a ciência social chama de memória. Neste trabalho tratou-se de observar a memória como oposta à história, Nora (1984) define a memória como uma representação do passado que permanece sempre em movimento no presente, através das pessoas, diferente da história que “[...] é uma reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais” (NORA, 1984, p. 09). A memória que se discorre nesse trabalho é aquela que não precisa de um senso crítico e uma mensuração temporal como na história, é um fenômeno existente para além de um recorte histórico.

A memória é vida, sempre carregada de grupos vivos e, nesse sentido, ela sempre está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, [...] A memória se instala na lembrança. [...] A memória emerge de um grupo que a une. [...] A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto (NORA, 1984/1993, p. 09).

Não cabe nesse estudo tentar explicar as motivações ou causas que levaram pesquisadores de diversas áreas a estudar o campo da memória, o que levamos em consideração de fato é que existiram diferentes abordagens tanto biológicas quanto sociais com relação a este tema. Antes da grande efervescência sobre o assunto, alguns autores na década de 1920 já começavam a separar a memória de algo especialmente estrito à ordem natural para pensar em uma abordagem social.

Será abordado um dos principais autores que encabeçaram de forma mais concisa o tema da memória como sendo algo também coletivo, o sociólogo Maurice Halbwachs. É necessário para adentrar em sua teoria, fazer um apanhado de suas principais influências acadêmicas sobre o tema, sendo elas: Émile Durkheim, Henri Bergson e Théodule-Armand Ribot. O pensamento desses três autores será relacionado à teoria da memória coletiva de Halbwachs de forma a conseguir explicar seus conceitos e analisar o campo desta pesquisa.

2.1 DURKHEIM: A DELIMITAÇÃO NA SOCIOLOGIA E O SENTIDO DE COLETIVO

A teoria sociológica da memória recebeu forte influência durkheimiana no início do século XIX. Os estudos de Halbwach foram fortemente influenciados e tiveram como base essa vertente, podendo ser considerado como “durkheimiano ortodoxo” (CORDEIRO, 2015). “[...] rapidamente se afirmando como um dos principais colaboradores de Émile Durkheim e como um dos mais próximos dele intelectualmente” (MONTIGNY, 2005, p. 06).

Durkheim buscou responder em seus estudos como era possível a existência da sociedade enquanto conjunto, entendendo que os processos sociais são formados a partir de consciências individuais que convergem entre si, gerando uma consciência coletiva. É nessa premissa que passamos a compreender um princípio de entendimento do coletivo. Para que esta intersecção, entre indivíduo e conjunto ocorra é preciso que estas pessoas compartilhem de signos, estabeleçam uma relação, e manifestem um entendimento comum acerca do mundo em que vivem. O autor apresenta a ideia de consciência como uma unidade entre os indivíduos, segue a argumentação com relação a sobreposição entre consciências:

Com efeito, as consciências individuais, por elas mesmas, estão fechadas umas às outras; podem se comunicar senão por meio de signos que traduzam seus estados interiores. Para que o comércio que se estabelece

entre elas possa levar a uma comunhão, isto é, a uma fusão de todos os sentimentos particulares num sentimento comum, é preciso que os signos que as manifestam venham a se fundir, eles próprios numa única resultante. É o aparecimento dessa resultante que indica aos indivíduos que estão em uníssono e que os faz tomar consciência de sua unidade moral. É soltando o mesmo grito, pronunciando uma mesma palavra, executando o mesmo gesto relacionado um mesmo objeto que eles se põem e se entendem de acordo (DURKHEIM, 1912/2003, p. 240).

Desse modo o coletivo só poderia permanecer através da consciência individual, assim aquilo que o grupo produz socialmente tende a ter sentido em cada um de nós, passando a existir por si só, ou como o próprio autor expressa seria uma força social. “[...] elas [as forças sociais] fazem parte da nossa vida interior e, por conseguinte, não conhecemos apenas os produtos de suas ações; mas nós as vemos agir [...] porque se passa inteiramente em nós” (DURKHEIM, 1912/2003, p. 396).

Durkheim (1912/2003) conceitua o indivíduo construído a partir do coletivo. Para ele, a sociedade explicaria tudo aquilo que nela existe, até mesmo os comportamentos e ações de uma pessoa poderiam ser explicadas pelas influências a que ela foi submetida. Durkheim (1912/2003) trabalha a sociedade com um sentido coercitivo.

O universo só existe enquanto é pensado totalmente pela sociedade, ele toma lugar nela; ele se torna um elemento de sua vida interior, e assim a própria sociedade é o gênero total fora da qual nada existe. O conceito de totalidade é apenas a forma abstrata do conceito de sociedade: ela é o todo que compreende todas as coisas, a classe suprema que encerra todas as classes (DURKHEIM, 1912/2003, p. 414).

O pensamento humano não pode ser simplificado apenas a uma abordagem materialista. Utilizando as representações durkheimianas como análogas a memória social, não poderíamos dizer que isso se resume somente a fatores biológicos ou neurais, isto ignoraria tudo o que vamos trazer a esse estudo. Havia na época e perdura atualmente. O argumento, principalmente na área da psicologia, de que a memória e o pensamento seriam orgânicos. A explicação se tornou clássica, sobretudo nas áreas cognitivas da ciência. Aqui, nesse estudo se acrescenta que o mental e o físico se relacionam, não são individuais, “[...] se nossas sensações sempre foram inteiramente novas em cada momento de nossa vida consciente, a vida mental seria reduzida a um epifenômeno. E se a memória for uma entidade

puramente orgânica logo as conexões que a memória faz também devem ser orgânicas” (CORDEIRO, 2015, p. 29).

Durkheim percebia que se analisarmos somente pelo viés biológico material, do processo de existência de nossa memória, não seremos capazes de explicar as associações entre indivíduo e coletivo. Desta forma começamos a entender a memória como um fator que não depende somente do corpo físico, mas possui uma força além disso, não ignoramos a existência de matéria, mas não é somente a partir dela que as conexões e associações do fator lembrança acontecem.

Tudo o que nós desejamos é que seja compreendido que a vida das representações se estende para além de nossa consciência presente, e como consequência que a concepção de memória como um fato de ordem psicológica é uma proposição inteligível. Tudo o que estamos tentando deixar claro aqui é que tal memória existe sem levar em conta todas as possíveis maneiras pelas quais ela pode ser concebida (DURKHEIM, 1898/2009, p. 41, tradução nossa)⁴.

É a partir deste eixo entre o individual e o coletivo, suas conexões e a capacidade de nos recordar que Maurice Halbwachs começa a desenvolver seu estudo. A memória seria então a recorrência de episódios que ocorrem durante a vida de um indivíduo ou de um grupo. Além disso é um fenômeno que não depende somente de um indivíduo para se estabelecer, se desenvolve de forma coletiva. Entretanto não é de todos os episódios de nossa existência que lembramos, mas sim daqueles que deixariam algum tipo de marca.

Provavelmente isto ocorreria pela exposição contínua de certos eventos na vida de um grupo e de seu contínuo reforço. Esse reforço contínuo ocorreria não apenas pela unidade do grupo, mas também por rituais e outros elementos de coesão que garantem a permanência temporal de uma memória (CORDEIRO, 2015, p. 33).

É importante perceber que a memória não parte de um tempo genérico ou até mesmo, nós não possuímos em nossas memórias uma ideia igual de tempo, seria algo socialmente construído e diferente em cada sociedade ou grupo. Assim sendo “[...] diferentes sociedades produzem diferentes concepções de tempo: formas de tempo [...] são fatos sociais, variando [...] de acordo com as formas cambiantes de

⁴ No original: “All we desire is that it be understood that the life of representations extends beyond our present consciousness, and as a consequence that the conception of memory as a fact of a psychological order is an intelligible proposition. All we are trying to make clear here is that such memory exists without taking into account all possible ways in which it can be conceived”.

estrutura social” (OLLICK; VINITZKY-SEROUSSE; LEVY, 2011, p. 17, tradução nossa)⁵.

Nesse sentido o indivíduo é fortemente influenciado pelo coletivo, suas lembranças são um conjunto de marcas absorvidas pelo grupo em que participa e/ou atua. Nos estudos de Halbwachs se retrata de forma ainda mais marcante “[...] a presença do coletivo na vida do indivíduo, as representações individuais seriam já representações coletivas, na medida em que os indivíduos isolados não seriam capazes de produzir as representações a partir de si mesmos” (MELO, 2010, p. 82). Há ainda, ao longo dessa pesquisa, outras influências acadêmicas que motivaram a construção da teoria da memória.

2.2 PERCEPÇÃO DE TEMPO NA TEORIA DA MEMÓRIA: INFLUÊNCIA BERGSONIANA

Vamos abordar aqui sobre a possibilidade de variação de tempo para as pessoas no momento que evocam alguma lembrança de algum fato vivido. A principal abordagem de Bergson (1907/2011) era conseguir explicar como as pessoas conseguem ter uma dimensão de tempo variada em um mundo onde caminhamos para um padrão ou uniformidade de medição de tempo. Pelo viés histórico, os registros muitas vezes se utilizam de um tempo cronológico universal, entretanto, há pessoas que mantêm em suas memórias fatos vividos estabelecendo um tempo próprio e/ou de um grupo, como observam Ollick, Vitzky-Seroussi e Levy (2011, p. 17)⁶:

[O trabalho de Bergson] sobre memória chamou a atenção de Halbwachs para a diferença entre as apreensões subjetivas e as objetivas (frequentemente transcendentais) do passado: enquanto novas formas de recordação se mantêm à medida que o tempo as gravam na história de maneiras cada vez mais padronizadas e uniformes, as memórias individuais ainda seriam altamente variáveis, às vezes recordando breves períodos com imensos detalhes e longos períodos com contornos mais vagos.

⁵ No original: “[...] *diferent societies produce diferente concepts of time: forms of time, but are social facts, varying [...] according to the changing forms of social structure*”.

⁶ *His work on memory drew Halbwachs's attention to the difference between objective (often transcendental) and subjective apprehensions of the past: whereas new forms of record keeping measuread time na recorded history in increasingly uniform andstandardized weys, individual memory was still highly variable, sometimes recording short periods in intense detail and long periods in only vaguest outline. Following Bergson, this variability of memory was for Halbwachs the real point of interest*”.

Seguindo Bergson, essa variabilidade da memória foi para Halbwachs o seu ponto real de interesse.

Não falamos aqui do tempo mensurado para fins úteis humanos, como aquele que vemos no relógio ou em um calendário específico, mas um tempo que possui uma duração guiada pela memória. Para Bergson (1907/2011) a finalidade na memória dos indivíduos seria trazer um tempo passado para nosso presente e assim por diante, ou seja, o vivido hoje já seria uma soma de passados incessantes, ou nas palavras do próprio autor:

[...] minha memória está aí, empurrando algo desse passado para dentro deste presente. Meu estado de alma, ao avançar pela estrada do tempo, incha-se constantemente com a duração que reunindo, por assim dizer, faz bola de neve consigo mesma (BERGSON, 1907/2011, p. 02).

Ainda o autor expressa que temos o poder de possuir uma percepção futura a partir do que temos no presente, mas que ainda não é passado, ou seja enquanto a lembrança remete ao passado, a percepção seria algo que estaria por vir, algo que não temos no agora. Quando o presente vira passado, ao rememorá-lo também sentimos a percepção que tínhamos dele.

Ou o presente não deixa nenhum vestígio na memória, ou então ele se desdobra a cada instante, em dois jatos simétricos: um cai para o passado, enquanto o outro se lança para o porvir. Este último, que chamamos percepção, é o único que nos interessa. Não temos o que fazer com a recordação das coisas enquanto temos as próprias coisas. A consciência descarta essa recordação como inútil e a reflexão teórica a considera inexistente. Assim nasce a ilusão de que a lembrança sucede a percepção. Mas essa ilusão tem outra fonte, ainda mais profunda. Provém de que a lembrança reavivada, consciente, causa em nós a impressão de ser a própria percepção ressuscitando sob uma forma mais modesta, e nada mais que essa percepção. Entre a percepção e a lembrança haveria uma diferença de intensidade ou de grau, mas não de natureza (BERGSON, 1919/2011, p. 50).

Abordaremos também na análise desse estudo o que Bergson (1919/2011) tratou de delimitar como *imagem-lembrança*, um tipo de classificação da memória, não aquela corriqueira de hábitos ou funções motoras automáticas do cotidiano, mas aquelas memórias mais específicas que estariam em nosso passado e precisaríamos de um certo esforço para trazê-las ao presente, “[...] o conceito *imagem-recordação* cobriria os eventos singulares e não reproduzíveis, por isso de caráter não mecânico, mas evocativo” (CORDEIRO, 2015, p. 38). A partir desse

esforço em relembrar fatos específicos que o corpo possui uma função importante, que não somente a de armazenar lembranças de forma neurológica, mas com o intuito de selecionar a recordação que seria trazida ao presente, através de um critério útil para o indivíduo e/ou grupo.

No que diz à memória, o papel do corpo não é armazenar as lembranças, mas simplesmente escolher, para trazê-la à consciência distinta graças à eficácia real que lhe confere, a lembrança útil, aquela que completará e esclarecerá a situação presente em vista da ação final (BERGSON, 1939/2006, p. 209).

A evocação da memória também se desloca por um interesse individual ou coletivo, o corpo teria o papel de fazer uma seleção daquilo que julga importante, e que de alguma forma argumenta o presente. As *imagens-lembranças* seriam um conjunto de fatos passados aos quais sua organização temporal dependem de um grupo ou indivíduo e não de um tempo cronológico fixo e universal. Na teoria de Halbwachs a memória “[...] ao invés de postular uma definição idealista, qual seja, a memória como repositório da totalidade das *imagem-lembrança* dos sujeitos, ela passa a ser assumida como atividade coletiva de reconstrução do passado” (MURILLO, 2009, p. 134).

Este conceito poderia ainda se desdobrar na teoria da memória de Halbwachs como um quebra-cabeças. É possível que nossa memória seja uma série dessas imagens que se sobrepõem umas às outras mesmo que tenham tempos cronológicos diferentes, ou seja, seria possível perceber na fala de alguém que lembra algum episódio, a possibilidade de que algumas lembranças não possuam um nexo de tempo como aquele utilizado em calendários. O fenômeno da memória, o armazenamento de eventos passados e a evocação dos mesmos, ocorre por meio do interesse e interpretação daquele(s) que a possui(em). Neste sentido se torna necessário saber como funciona esse fenômeno de imagens sobrepostas.

2.3 PONTOS DE REFERÊNCIA: INFLUÊNCIA PARA A TEORIA DA MEMÓRIA

Da mesma forma que Bergson organiza os tipos de memória, Ribot (1881/1906) se aproxima ao classificar em dois tipos: *Memória Orgânica* e *Memória Autobiográfica*, para ele a primeira estaria presente em nosso dia a dia quando precisamos fazer coisas simples como andar, comer, falar, fazer movimentos

repetitivos e automáticos, enquanto a segunda estaria atrelada a um esforço reflexivo, algo que “guardamos” de forma mais profunda em nossa memória. Essa organização se daria através de *pontos de referência*, ou seja, nos lembramos de algo conforme nosso interesse ou do grupo a que pertencemos, como bem relata Veridiana Cordeiro (2015, p. 41):

A memória psíquica difere da memória orgânica, uma vez que, ao pressupor uma localização, não se refere a um ‘ato primitivo’ ou mecânico (Ribot, 1906 [1881], p. 33), mas supõe um estado de consciência e atenção. Essa relação entre consciência e memória é inaugurada por Ribot, pois ele assume a dependência de ambas existirem e funcionarem. Assim, se a consciência é suficientemente intensa, as memórias são recordadas e estocadas em lugares próprios do cérebro.

Assim, o eixo de ligação em nossa memória seria a presença de *pontos de referência* que nos ajudam a fazer ligações entre fatos de nossas vidas, e que nos auxiliam a organizar esses fatos em um certo tempo. O autor trata essa construção de pontos como uma ação individual, que pode sim ser feita em consenso de grupo. A definição de pontos de referência pode ser vista na seguinte passagem:

[...] esses pontos de referência são estados de consciência que, por conta de sua intensidade, lutam melhor que os outros contra o esquecimento por sua complexidade ter a capacidade de suscitar uma série de relações, aumentando as chances de reavivamento. Eles não são escolhas arbitrárias, eles se impõem a nós. Eles têm um valor um tanto relativo. Eles existem por uma hora, um dia, uma semana, por um mês, uma vez que, se deixados de serem usados, eles caem no esquecimento. Eles são, em geral, elementos puramente individuais, no entanto, alguns são comuns a uma família, a uma pequena sociedade e a uma nação. Se eu não estiver enganado, esses pontos de referência formam, para cada um de nós, diversas séries que respondem, pouco a pouco, à diversos eventos que compõem nossa vida [...]. (RIBOT, 1881/1906, p. 38-40).

Para Halbwachs (1925) a noção de ponto de referência de Ribot (1881/906), é aplicada no sentido de que o indivíduo ou grupo organiza suas recordações a partir de uma localização ou acontecimento marcante e/ou significativo para o mesmo, ou seja somente podemos nos recordar de algo, se isso for de alguma forma localizado nos pontos de referência. Essas localizações podem ser feitas através de locais, eventos ou até mesmo algo subjetivo como sentimentos, não necessariamente será algo preciso ou conciso, simplesmente precisa importar ou marcar o indivíduo ou grupo. Cabe ainda ressaltar que se não há uma devida importância, ou de alguma forma essa recordação perde sua importância, o grupo para de se lembrar. Nas

palavras do autor, “No momento em que um acontecimento esgota seu efeito social, o grupo se desinteressa e então apenas o indivíduo afetado ainda o sente” (HALBWACHS, 1925/1994, p. 130).

Esses pontos que nos levam ao fenômeno da recordação diferem de grupo para grupo. Se dois grupos distintos passassem por um acontecimento igual, mesmo assim os pontos de referência para que cada grupo explique do que se lembra será diferente. Desse modo também ocorrem os acontecimentos recentes no cotidiano, as recordações deles e os pontos que usamos para nos lembrar diferem por várias circunstâncias,

Em casos de acontecimentos recentes, de qualquer forma, a sociedade não possui critérios para classificá-los por ordem de importância: ela os acolhe e os retém todos e só pode, portanto classificá-los de acordo com a ordem em que foram produzidos [...] todos esses acontecimentos estão ligados por relações lógicas, pelas quais podemos passar de um a outro por uma série de raciocínios, sempre que se trate de fatos que interessam ao conjunto de nosso grupo (HALBWACHS, 1925/1994, p. 131-132).

Importa destacar que o conceito de *quadros sociais da memória* de Halbwachs (1925/1994) tem a teoria dos pontos de referência como um dos eixos mais importantes, mas voltada sempre ao coletivo, as recordações são comuns ao grupo das quais pertencem. Vamos entender ao longo desse estudo como funciona a teoria da memória coletiva. E esta será a nossa principal ferramenta para analisar os entrevistados. Cabe ressaltar que as influências demonstradas neste capítulo visam um entendimento maior dos *quadros sociais da memória*, e vamos entendê-la melhor nas próximas páginas.

2.4 O FENÔMENO DA MEMÓRIA: PONTO DE VISTA HALBWACHSIANO

Para estabelecer um eixo central de como funciona o sistema de rememoração nos indivíduos, precisamos delimitar a noção de grupo e definir a *memória coletiva* e a *memória individual*, bem como suas relações. Para Halbwachs (1968/2006) o fenômeno da memória está diretamente ligado ao grupo onde o indivíduo interage e/ou se identifica. A partir disso tem-se uma coletividade na memória, ou seja, lembranças que vamos desenvolvendo ao longo de nossas vidas conforme afinidades em grupo.

Entender o grupo exige diferenciá-lo de dois conceitos trazidos pelo autor, *milieu* e sociedade. O primeiro diz respeito ao espaço físico onde o indivíduo ou grupo circunda e estabelece suas relações sociais “[...] é o *milieu* que nos envolve” (HALBWACHS, 1939/2015, p. 04). O segundo conceito é composto por grupos, mas não pode ser igualado, a sociedade possui formas que os grupos não necessariamente seguem, funciona como uma base para que o grupo se desenvolva, um exemplo trazido por Halbwachs (1968/2006, p. 136-137), é o do tempo

Entretanto, embora subsistam essas divisões, não quer dizer que haja um tempo social único, porque apesar de sua origem comum, elas tomaram um significado muito diferente entre os diversos grupos. Não é somente porque, como já demonstramos, a necessidade de exatidão com relação a isso varia de uma sociedade para outra - mas, antes, como a questão é aplicar essas divisões e séries de eventos ou tentativas que não são as mesmas em muitos grupos, que terminam e recomeçam a intervalos que não correspondem uns aos outros de uma sociedade para outra, podemos dizer que se conta o tempo a partir de datas diferentes nesta e naquela. O ano escolar não começa no mesmo dia que o ano religioso.

Nesse estudo definimos o conceito de grupo como indivíduos que compartilham de recordações semelhantes criando uma corrente de pensamento coletivo. Assim os conteúdos comuns a quem os integra precisam ser acessíveis. Podemos estar ligados a vários grupos simultaneamente, e isso independe de *milieu* e/ou sociedade, “[...] cada indivíduo está mergulhado ao mesmo tempo, ou sucessivamente, em vários grupos. Cada grupo pode se fragmentar e se contrair no tempo e no espaço” (HALBWACHS, 1950/1997, p. 167). Os grupos são constituídos independente da fixação geográfica, os indivíduos não precisam estar juntos face a face para que a interação ocorra, pois a ligação mais importante é a mental, o grupo opera nas pessoas por meio de suas mentes, a presença física não é condicionante para que ele exista:

Enquanto grupo se define por uma produção de conteúdos representacionais comuns relativos ao passado, a sociedade se define apenas por uma estrutura social, que pode ter subdivisões funcionais. Assim, é possível dizer que a sociedade dá a forma, enquanto o grupo fornece os conteúdos relativos à dimensão representacional. Por isso, jamais seria possível dizer que uma ‘sociedade tem memória’, mas somente que ‘os grupos têm memória’ (CORDEIRO, 2015, p. 63).

Para o grupo permanecer é necessário que as interações de suas memórias estejam em constante atividade, os indivíduos precisam continuar compartilhando conteúdos comuns. A partir do momento em que isso cessa o grupo acaba, entretanto há uma forma de que essas lembranças permaneçam vivas, em uma fixação no meio material, pelo espaço material, nas palavras de Halbwachs (1950/1997, p. 130):

Quando a memória de uma sequência de acontecimentos não tem mais o suporte no grupo, [...] que a assistiu ou recebeu dele uma descrição ao vivo de atores e espectadores de primeira mão, quando ele se dispersa pelos espíritos individuais, perdidos em novas associações que não se interessam mais por esses fatos que lhes são decididamente exteriores, o único meio de se saber sobre essas recordações é fixá-los por escrito em uma narrativa, pois as palavras e pensamentos morrem, enquanto os escritos permanecem.

Como visto anteriormente, o fenômeno da memória se desenvolve de forma social por meio de grupos, constituindo uma relação entre indivíduo e coletivo. Para Halbwachs (1950/1997), existem dois tipos de memória, a individual e a coletiva. A primeira diz respeito as lembranças individuais que as pessoas vão construindo a partir dos grupos em que frequentam, e a segunda diz respeito ao conjunto dessas lembranças individuais que ao possuírem semelhanças em um grupo constituem uma memória coletiva.

A noção de indivíduo que tratamos aqui é a do ser *sensível* e a do ser que *interpreta*. Segundo Halbwachs é como se existissem essas duas personas atuando no indivíduo e desenvolvendo sua memória. O ser *sensível* atua logo quando apreendemos um fato da realidade, quando captamos por meio da nossa sensibilidade como indivíduo um recorte da realidade que vivenciamos em um grupo. O ser que *interpreta* é o momento em que organizamos esses recortes conforme nossas influências externas, nosso olhar sobre fatos e o armazenamento dentro de nosso ser são direcionados conforme as experiências acumuladas coletivamente.

O conteúdo desta recordação da realidade originária terá, necessariamente, duas origens: as reminiscências deixadas pela apreensão originária do evento pelo ser sensível – que nas palavras de Halbwachs seria a ‘semente da rememoração’ (Halbwachs, 1997 [1950], p. 54) – e os elementos trazidos pelo grupo que orbitam ora em torno desta semente originária, reconstruindo a recordação como um todo a partir do ser interpretativo (CORDEIRO, 2015, p. 79).

Os quadros sociais da memória trazidos por Halbwachs (1925/1994) explicam o fenômeno de recordar fatos do passado através da memória individual mantida dentro de um grupo, onde existem três eixos que desenvolvem esse exercício. O primeiro é a percepção do indivíduo acerca de um fato, o segundo é a evocação desse fato através de uma conversa, por exemplo, e o terceiro é o movimento de reconstruir e reconhecer aquela memória em um momento presente. Esses quadros sociais seriam a principal ferramenta para recordar e facilitar a localização de um determinado momento que guardamos em nossa memória.

Ao mesmo tempo que possuímos lembranças individuais organizadas e evocadas por nós em um quadro social de localização, estamos participando de coletivos que também influenciam concomitantemente para que nos recordemos até de fatos que somente nós vivenciamos. Assim como possuímos recordações individuais, possuímos lembranças coletivas, que não necessariamente vivenciamos, mas acabamos fazendo parte delas por meio de um grupo. Portanto a memória coletiva é o conteúdo da relação entre várias memórias individuais. É a memória de um grupo.

Há, portanto, memórias individuais e, como vimos, memórias coletivas. Em outras palavras, o indivíduo participa dos dois tipos de memórias. Mas, frequentemente, o indivíduo participa de uma ou de outra, ele adota duas atitudes muito diferentes e até contrárias. Por um lado, as recordações tomariam lugar em contextos dentro da sua personalidade individual ou de sua vida pessoal: elas, que são comuns a outros, só serão vistas pelo indivíduo no aspecto que lhe interessa, distinguindo-se assim dos outros. Por outro lado, o indivíduo seria capaz de se comportar simplesmente como membro do grupo que contribui para evocar e manter as recordações impessoais, na medida em que elas interessam ao grupo. Se essas memórias se interpenetram frequentemente, em especial a memória individual pode, para confirmar essas recordações, para as melhor precisar e mesmo para preencher algumas de suas lacunas, se apoiar na memória coletiva, se recolocar nela, se confundir momentaneamente com ela e não é por isso que a memória individual deixará de seguir seu próprio caminho e todo esse aporte exterior é assimilado e incorporado progressivamente à sua substância. A memória coletiva, por outro lado, envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas. Ela evolui frequentemente a partir de suas próprias leis e algumas recordações individuais se penetram assim algumas vezes nelas, elas mudam de figura quando são colocadas em conjunto, que não corresponde mais a uma consciência pessoal (HALBWACHS, 1950/1997, p. 98).

Assim sendo, quando relembramos algo, ora nos colocamos como atores dentro de um grupo, ora nos recordamos como parte desse grupo não necessariamente passando por determinados eventos evocados, “[...] podemos dizer

que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, [...] e este ponto de vista muda conforme nossa posição dentro de um grupo” (HALBWACHS, 1950/1997, p. 94). Então a memória é construída pela relação entre indivíduo e o grupo em que está alinhado seu pensamento, e está diretamente ligada as relações entre os indivíduos e os grupos, quanto mais compartilhamos as memórias semelhantes que possuímos dentro de um grupo, mais intenso esse fenômeno se torna.

Quando se relembra um fato do passado, estamos construindo no presente uma determinada realidade impressa em nós, é como se estivéssemos revivendo imagens e percepções mais uma vez, por isso a reconstrução dos quadros sociais da memória se torna tão importante para as relações sociais que fazemos no presente. Não ignoramos neste estudo as particularidades do indivíduo e seu papel na reconstrução de fatos passados, mas é na memória coletiva que podemos obter uma visão mais precisa da realidade. Se somos moldados por grupos sociais, mesmo que tenhamos percepções únicas sozinhos, é preciso um direcionamento coletivo para que as memórias se imprimam com mais facilidade.

Percebe-se que a importância de materializar uma memória está ligada a manter “vivo” um grupo e seus conteúdos como preceitos e linguagens. Se julga nesse estudo que manter essas memórias vivas faz com que nossa realidade presente também possa ser modificada. Para manter uma memória viva não basta apenas que os indivíduos não se dispersem, mas que haja uma coletividade de alinhamento dos mesmos pensamentos.

O que seria do sistema musical e todos os conteúdos relativos à memória do grupo dos músicos se não houvesse os próprios músicos para os colocarem em curso, os perpetuar? Seria um conjunto de conteúdos mnemônicos perdidos, que iriam pairar sem realização social, sem interpretação. E no caso dos conteúdos mnemônicos relativos à religião? Elas precisam dos rituais para que os indivíduos rememorem conjuntamente seus conteúdos (CORDEIRO, 2015, p. 87).

Somos seres coletivos e tudo aquilo que percebemos e registramos em nossa memória se dá a partir daquilo que nos marca como membros de grupos, por isso nos lembramos daquilo que nos marca socialmente, episódios que são efervescentes para nós. Sendo assim se defende a necessidade do registro material de memórias, para que os pensamentos dos grupos se mantenham para além de seus indivíduos, e que não somente os conteúdos sejam passados adiante e não se

percam no tempo, mas para que as práticas registradas em nossas memórias coletivas continuem transformando nossas realidades presentes, a fim de construir melhorias sociais para um bem-estar social.

Desta forma se escolhe materializar parte de uma realidade vivida por pessoas comuns que sofreram fortemente as consequências de um Regime Militar. A partir do fenômeno da memória trazido por Halbwachs (1950/1997), mostraremos a capacidade de rememoração nos indivíduos e seus desdobramentos na memória coletiva do grupo em que estão inseridos.

3 CAMPO E METODOLOGIA DE PESQUISA

A escolha do objeto de pesquisa se aproxima da pesquisadora que escreve, que ouviu desde a adolescência uma história de família envolvendo parentes distantes e que nunca teve a oportunidade de conhecê-los até o momento. Teve em si uma vontade de registrar essa memória, ir atrás dessas pessoas e escutá-las. Descobriu através da ciência social que era possível estudar de que forma a memória funciona e entender o quão importante é o registro de vida de pessoas reais que fizeram parte da história de um país.

Esta é a história de vida dos meus tios-avós, e tem como cenário principal a realidade no período de ditadura uruguaia na década de 1970, o campo desta pesquisa é um período da vida de três pessoas engajadas com a política do país e os desdobramentos recorrentes da militância na atuação nos movimentos de esquerda, que tiveram grande destaque a partir da década de 1960, como o Movimento de Libertação Nacional – Tupamaros. O objetivo principal deste estudo é entender como o fenômeno da memória acontece quando pessoas estão contando suas histórias de vida. Para isto utilizamos da metodologia de entrevista semiestruturada de forma qualitativa para uma análise sobre memória coletiva.

Nos deslocamos de Porto Alegre no Rio Grande do Sul até Montevideu e Maldonado no Uruguai. A pedido dos entrevistados, fui convidada a realizar a entrevista na casa da irmã dos dois. Foi o local escolhido para o encontro, esta irmã somente cedeu o espaço. Cabe ressaltar que esta história é composta por três pessoas, dois irmãos Santos e Chiquita, e a falecida esposa de Santos, Dora que se torna nosso principal eixo para entender as memórias relatadas neste campo, a história dela será nosso norte de pesquisa.

Neste capítulo descrevo as principais memórias dessas pessoas sem mudar a ordem em que foram contadas, utilizando como guia as lembranças a partir de três subcapítulos. Desenvolvo o campo científico, com a realidade descrita por essas vidas durante o período histórico em que viveram, o regime militar uruguaio.

3.1 DORA: PELA MEMÓRIA DE SANTOS

Por considerar a ditadura uruguaia um período muito extenso para se contar em apenas um dia, Santos inicia sua fala com a seguinte frase: “[...] é demasiado

ambicioso te contar em meia hora, em uma hora, duas horas, tínhamos que ficar um par de semanas, porque é muito rico, muito rico e de repente tem coisas que um passa se sobre passa na vida e depois são vitais, e fica ruim em um relato” (SANTOS, 2018, tradução nossa)⁷. Ao contrário do protocolo de pesquisa, quem me pergunta sobre o que quero saber é ele, e qual a parte da história do movimento de esquerda que teria interesse, decidi começar pela trajetória de vida de sua companheira Dora, sobre a participação dela no Movimento de Libertação Nacional Tupamaros (MLN-T).

Como posto na introdução desse trabalho, aos finais da década de 1960 o Uruguai passava por uma conturbada crise onde a ineficiência do Estado nacional causava uma desordem no bem-estar social da população. As políticas regressivas do governo fizeram com que a esquerda política se organizasse em movimentos clandestinos visando uma revolução socialista no país. O mais conhecido desses grupos foi o Movimento de Libertação Nacional Tupamaros (MLN-T).

Santos conta de que forma sua companheira Dora, já falecida, fez parte deste movimento naquela época. Se conheceram em 1969 no Hospital de Clínicas Manuel Quintela em Montevideu, foi mais ou menos nesse período que ela passou a ser integrante do movimento. Foi o primeiro contato dela com o grupo guerrilheiro. Se deu por meio de médicos que eram envolvidos. Dora era enfermeira chefe da ala neonatal do Hospital e Santos explica que a integração à organização se dava através de afinidade política, na qual era revelada através de conversas comuns. Depois havia a consultava a outros integrantes informando a capacidade e o perfil do indivíduo. Por fim convidavam essa pessoa para uma reunião e definiam os papéis dela dentro do movimento Tupamaro, “Bom ela é como, milhares e milhares de companheiras que colocaram seu grãozinho de areia na construção” (SANTOS, 2018, tradução nossa)⁸.

Foi a partir dessas interações dentro do hospital que Dora começou a cumprir tarefas dentro do grupo, Santos destaca durante a entrevista que esse movimento era constituído de uma forma bem diversa, ou nas palavras dele:

⁷ No original: “[...] es demasiado ambicioso contarte en media hora, dos horas, teníamos que quedarnos un par de semanas, porque es muy rico, y de repente hay cosas que uno pasa y sobrepasa en la vida y después son vitales, y se queda mal en un relato”.

⁸ No original: “Bueno, ella es como millares y millares de compañeras que pusieron su granito de arena en la construcción”.

[...] pode ser um médico como pode ser um enfermeiro como pode ser o porteiro. Tu não sabe, pode ser o mesmo guarda de polícia mesmo que está aí, porque teve policiais dentro também, e teve gente de todos os tipos e classes sociais. E bom aí ela entra a tomar contato com um e com outro então são pequenas coisas mas que nesse então era muito, por exemplo ir entregar um documento ou atender um doente que estava na casa dele ou em alguma casa clandestina que a polícia não sabia onde estava, ou curar um companheiro que estava ferido que estava em algum outro lugar como no interior da república. E tinha que ir, tem que curá-lo, tem que trazer, tem que levar (SANTOS, 2018, tradução nossa)⁹.

Segundo ele, a maioria das tarefas que Dora cumpria eram no âmbito da saúde, curando e tratando de companheiros que estavam feridos por conta de torturas ou combates com os militares, para isso muitas vezes ela tinha que expropriar o material do próprio hospital e se deslocar até onde estava o companheiro, porque “[...] não se pode curar a um homem com uma cola e um martelo, tem que ter o material adequado” (Santos, tradução nossa)¹⁰. Ainda, conta que alguns norte-americanos foram para o Uruguai a pedido dos militares para ensinar como os policiais deveriam agir com a população, foi nessa época que houve muita perseguição política e muitos companheiros de esquerda feridos, por isso trataram de conseguir um local único (clandestino) que se chamou Hospital del Pueblo, nesse lugar as pessoas poderiam ser curadas e tratadas com segurança, e Dora trabalhou ali por algum tempo. O Hospital del Pueblo foi delatado por alguns companheiros e o Exército tratou de acabar com as atividades fechando o local.

Santos e Dora se conheceram um pouco antes disso, no Hospital de Clínicas, ele era porteiro da instituição e seu envolvimento político se dava no âmbito sindical, mas por conta das repetidas perseguições militares o casal nem sempre estava junto fisicamente. Permanentemente mudavam de endereços ou as vezes nem sabiam onde o outro estava porque faziam muitas tarefas dentro do movimento, e não se viam por semanas, “[...] sabia por companheiros que eu estava bem,

⁹ No original: “[...] *puede ser un médico como puede ser un enfermero, como puede ser un portero. Tú no sabes, puede ser el mismo guardia de policía mismo que está ahí, por que hubo policías adentro también, y hubo gente de todos los tipos y clases sociales. Y bueno ahí ella entra a tomar contacto con uno y con otro, entonces son pequeñas cosas, pero que en ese entonces era mucho, por ejemplo, ir a entregar un documento o atender un enfermo que estaba en la casa del, o en alguna casa clandestina, que la policía no sabía adónde estaba, o curar un compañero que estaba herido en algún otro lugar como en el interior de la república. Y tenía que ir, tenía que curarlo, tenía que hacer, tenía que llevar*”.

¹⁰ No original: “[...] *No se puede curar a un hombre con cola y un martillo, tenes que tener el material adecuado*”.

andava bem e não pergunte mais nada, é suficiente e nesse então só de saber que está bem era muito, muitíssimo” (SANTOS, 2018, tradução nossa)¹¹.

Os integrantes dos movimentos de esquerda utilizavam codinomes que mudavam conforme as fugas e notícias de outros companheiros. Embora ficassem longos períodos sem se encontrar, receber por meio de notícias que o outro estava bem já era muito. O que se tornava difícil era quando alguém era capturado pelos militares, segue um dos principais trechos da entrevista em que Santos rememora esses episódios:

A dor vinha quando caía, ou quando o exército capturava, aí sim, tu tinha que pensar em outra coisa, porque tu sabia que se pegassem alguém iam torturar, porque o método para que tu te declarasse era destruir a tua vida. Fazer de ti uma larva, levar o ser humano a mínima expressão, de que tu não seja nada, que tu vejas eles (os militares) como deuses, então quando tinha algum caso de um companheiro que caía, pobrezinho, tomara que o matassem, porque era preferível que morresse para que não sofresse tanto. (SANTOS, 2018, tradução nossa)¹².

Santos lembra que todas as pessoas estavam expostas ao regime militar, mesmo não atuando em movimentos de esquerda clandestinos. Segundo ele, o exército prendia as pessoas sem critério algum, prevalecia o que eles decidiam, era pessoal, ou nas palavras do entrevistado:

[...] era um caos total aqui, era um caos total, porque tu subia em um ônibus e estavam revistando, estavas sentado e vinha o exército e subia no bus, e revistavam e te levavam porque não gostavam da tua cara e a outra porque não gostavam do vestido e outro porque estava olhando mal (olhando torto) era a critério pessoal não havia uma linha concreta de que dissessem, bom isso é assim por causa disso – não. É porque eu quero. E como tu se levante, e como te olhe, os soldados decidiam (SANTOS, 2018, tradução nossa)¹³.

¹¹ No original: “[...] *sabía por compañeros que yo estaba bien, andaba bien, y no preguntes más nada, es suficiente. Y en ese entonces sólo de saber que estaba bien era mucho, muchísimo*”.

¹² No original: “*El dolor venía cuando caía, o cuando el ejército capturaba, ahí sí, tu tenías que pensar en otra cosa, porque tú sabías que si agarraban a alguien iban a torturar. Porque el método para que tú te declararas era destruir a tu vida. Hacer de ti un gusano, llevar al ser humano a la mínima expresión, de que tú no seas nada, que tú los veas como dioses. Entonces cuando había algún caso de algún compañero que caía, pobrecito, ojalá que lo maten, porque era preferible que muriera para que no sufriera tanto*”.

¹³ No original: “[...] *era un caos total aquí, era un caos total, porque tú subías en un ómnibus y estaban revistando. Estabas sentado y venía el ejército y subía en el bus, y revistaban y te llevaban porque no les gustaba tu cara, y a la otra porque no le gustaba el vestido, y el otro porque los estaba mirando torcido. Era a criterio personal, no había una línea concreta de que dijieran, bueno eso es así por eso – no. Es porque quiero. Y como tú te levantes y como tú mires, los soldados decidían*”.

Em meio a este caos lembrado por Santos, estavam o tempo todo sendo perseguidos, e em várias partes de sua fala são retratadas as fugas repentinas e essa comunicação de poucas palavras entre os integrantes do movimento. Neste contexto saber se os colegas estavam vivos era o suficiente, e foi nessa sensação de não serem pegos, que Dora e Santos fugiram para outros países até chegarem ao exílio na Suécia.

3.2 “ELES”: MEMÓRIA SOBRE A PERSEGUIÇÃO POLÍTICA, TORTURA E EXÍLIO

Por volta de 1969, Santos conta que participou de uma operação organizada pelo movimento Tupamaro que tinha como principal objetivo tomar o departamento de Pando no Uruguai, para retirar dinheiro e financiar o grupo. Para tomar a cidade, simularam um velório com vários carros e companheiros que fingiam a morte de alguém. A ideia era chegar ao centro do departamento, e ocupar as instituições, como o Corpo de Bombeiros, Polícia, bancos, etc. Santos explica que foi uma operação estudada e organizada, e embora muitos companheiros tivessem morrido em combate com a polícia, conseguiram seu objetivo. Por sorte ele conseguiu fugir ileso, ou nas palavras dele:

[...] E... se estudou, se praticou, se estudou 4 ou 5 práticas e logo se transitou com uns 4 ou 5 carros, se alugou carros para fazer um traslado de um morto, então fizemos uma caravana e nos carros íamos nós de, e nós éramos como se fôssemos quem tinha perdido o morto, aparentemente. [...] Sim, logo, houve vários companheiros mortos, o exército nos perseguiu e nós fugimos (Santos, 2018, tradução nossa)¹⁴.

Durante a entrevista por repetidas vezes a perseguição política do exército com Dora e Santos (e outros companheiros) era permanente, por isso foram orientados pelo movimento (na entrevista Santos chama o grupo de “eles”), para deixar o país e ir para a Argentina. Foram para um povoado chamado Morón, e nesse lugar moraram perto de um irmão de Santos, que desconhecia do envolvimento do casal no movimento. Santos reiteradas vezes falou em infiltrados do Exército, militares que vigiavam os companheiros de esquerda por onde fossem,

¹⁴ No original: “[...] Y se estudió, se practicó, se estudió 4 o 5 prácticas y luego se transitó como unos 4 ou 5 automóviles, se alquilaron automóviles para hacer un traslado de un muerto. Entonces hicimos una caravana y en los autos íbamos nosotros. Y nosotros éramos como si fuésemos quien había perdido el muerto, aparentemente. [...] Sí, luego, hubo varios compañeros muertos, el ejército nos persiguió y nosotros nos escapamos”.

e por diversas vezes tiveram que se mudar na Argentina. Moraram em pensões e até mesmo dormiram na rua.

Em Buenos Aires, Dora sofreu um ataque em uma das casas que moravam. Foi perseguida na rua a caminho de casa e conseguiu fugir, mas na entrada, bem na porta, levou uma coronhada na cabeça que a fez cair no chão, “[...] ela se salvou, porque se salvou, por que caiu dentro se caía do lado de fora capaz que a matavam, porque se fechou a porta atrás dela” (SANTOS, 2018, tradução nossa)¹⁵. Ele também foi pego, foi preso e torturado, “[...] me colocaram uma canaleta que colocam a uns 220 volts que tu pula que nem um sapo [...]” (SANTOS, 2018, tradução nossa)¹⁶, o clima era sempre de fuga e perseguição, inclusive nos explica que “[...] hoje vivemos em uma democracia plena, hoje estamos falando daqui, e no tempo da ditadura isso era impossível uma reunião como a que estamos fazendo aqui, falando” (SANTOS, 2018, tradução nossa)¹⁷.

Santos relembra que havia treinamento para manuseio de armas no Movimento Tupamaro, os companheiros se organizavam de forma clandestina e se deslocavam até um campo, ali recebiam treinamentos de tiro, homens e mulheres eram treinados da mesma forma. Para resistir à tortura existia uma orientação, resistir por um dia sem entregar ninguém para o Exército, assim o restante do grupo poderia se organizar para resgatar o companheiro e ainda mudar os próximos passos para conseguir fugir.

[...] resistir, resistir, por exemplo me diziam resistir um dia, um dia pediam que resistesses, porque assim tu dava tempo para as pessoas que trabalhavam contigo, se estávamos e se fosse capturado e se eu me calasse por um dia as pessoas que estavam aqui tinham que ir embora, essa era a consigna, para que não se perdessem os outros, para que pudessem fugir, mas tinha gente que resistia heroicamente, e outros que não, que morriam e isso é segundo a natureza humana. [...] nos reuníamos e cada um argumentava de como seria a solução para salvar ao companheiro que ficou preso, porque a consigna é que eles tem que aguentar 24h a tortura para dar tempo para que os outros saibam, apenas saibam que caiu o outro e poder disparar e se esconder (SANTOS, 2018, tradução nossa)¹⁸.

¹⁵ No original: “[...] *Ella se salvó porque se salvó, porque cayó adentro, si caía de al lado de afuera, capaz que la mataban, porque se cerró la puerta atrás de ella*”.

¹⁶ No original: “[...] *me pusieron una canaleta que pusieron a unos 220 v que tu saltas como un sapo [...]*”

¹⁷ No original: “[...] *hoy vivimos en una democracia plena, hoy estamos hablando de aquí, y en el tiempo de la ditadura eso era imposible, una reunión como las que estamos haciendo aquí, hablando*”.

¹⁸ No original: “[...] *resistir, resistir, por ejemplo me decían para resistir un día, un día pedía que resistesses, porque así tu le dabas tiempo para las personas que trabajaban contigo, si estábamos y*

O principal mecanismo de comunicação era ter membros do grupo infiltrados por toda parte, assim podiam se organizar e saber quem foi pego, e fugir mais rápido,

[...] assim como o exército infiltrava também em nós, por isso a desconfiança que eu te dizia que tínhamos que ter, que eu não podia dizer isso porque etc., porque era uma guerra estávamos em guerra, então tu não podia confiar em um rosto que tu não conhecesse, ou alguma pessoa que tu não tivesse visto atitude nenhuma, então nós nos infiltrávamos no meio deles e eles no nosso (SANTOS, 2018, tradução nossa)¹⁹.

Neste momento de nossa entrevista percebo em Chiquita uma vontade de contribuir com sua memória, ela também relembra que a situação política da época fazia com que o clima de desconfiança entre todos fosse uma regra. Essa desconfiança era muitas vezes necessária para a sobrevivência e evitar que os companheiros fossem presos por militares, ou nas palavras dela:

[...] tu não podia confiar no teu próprio companheiro de trabalho e ninguém, nem sabias que teu companheiro de trabalho estava ligado à organização, eu não podia te dizer que estava na organização, eu trabalhava para a organização se via condições em ti para comentar sobre a organização, eu te dizia (CHIQUITA, 2018, tradução nossa)²⁰.

Até mesmo para festejar aniversários, eles lembram que era preciso um documento de autorização do Exército com os nomes das pessoas que compareceriam no festejo. Chiquita nos conta que têm um filho que hoje é militar, mas se intitula abertamente de esquerda assim como vários militares hoje falam que são. Ela lembra que “[...] ele dizia que era um Tupa infiltrado e que ninguém sabia, e os milicos riam” (CHIQUITA, 2018, tradução nossa)²¹, mesmo ela e o falecido marido

si fuéese capturado, y si me callase por um día las personas que estaban aqui tenían que irse. Esa era la consigna, para que no se perdiesen los otros, para que pudiesen escaparse. Pero habia gente que resistía heroicamente, y otros que no que morían. Y eso es segundo la naturaleza humana. [...] nos reuníamos y cada uno argumentaba como sería la solución para salvar al compañero que se quedo preso. Porque la consigna era que ellos tenían que aguantar 24 horas la tortura, para dar tempo para que los otros sepan. Apenas sepan que cayó en outro y poder disparar y esconderse”.

¹⁹ No original: “[...] así como el ejército se infiltraba también en nosotros, por eso la desconfianza que yo te decía que teníamos que tener, que yo no podía decir eso porque etc. Porque era una guerra, estábamos en guerra, entonces tu no podías confiar en un rostro que tu no conocías, o alguna persona que no tuviera actitud ninguna. Entonces nosotros nos infiltrábamos en el medio de ellos, y ellos en el nuestro”.

²⁰ No original: “[...] tu no podías confiar en tu propio compañero de trabajo y nadie, ni sabias que tu compañero de trabajo estaba conectado a la organización. Yo no podía decirte que estaba en la organización, yo trabajaba para la aorganización y si veía condiciones para comentarte sobre la organización, yo te decía”.

²¹ No original: “[...] él decía que era un Tupa infiltrado y nadie sabia, y los milicos se reían”.

sendo militantes, nunca influenciaram o garoto a nada, ele mesmo pegava os livros e lia muito até intitular sozinho sua posição política.

Em meio a tantas perseguições e uma vida clandestina, questionei o que os motivava a continuar no Movimento e fazer política de esquerda, cumprindo as tarefas, mesmo sendo presos e torturados, Santos desenvolve sua resposta de forma simples:

[...] a vontade humana, a consciência que tem cada pessoa, cada pessoa tem algo por dentro, amor próprio, consciência, que nos leva a fazer coisas, que nunca ninguém imagina que possa fazer, as vezes tu está tão cansado, tão cansado que tu diz: ah não dou mais um passo, e mesmo assim não mas tenho que chegar, tenho que chegar, e tu chega, então as vezes, não mesmo que me batam não digo a eles, não digo a eles, porque eu vou dizer a estes sem vergonhas se vão me matar igual? (SANTOS, 2018, tradução nossa)²².

Santos falou um pouco sobre a organização dos movimentos de esquerda no Uruguai, que apesar das diferenças que tinham os diversos grupos, se conseguiu uma união através de um único bloco político chamado Frente Amplio. Este movimento é composto por vários partidos e movimentos com o objetivo de obter mais força no parlamento do país. O Movimento Tupamaro se organizava por grupos, onde estavam os mais de base, que manejavam armas e participavam de atos sociais, se expunham bastante, e grupos que não se expunham tanto. Dora fazia parte desse grupo e não podia se expor, pois muitas tarefas dependiam de ela ter que se infiltrar em grupos militares, “[...] era meio elegante ainda, tinha essa má sorte que era elegante então ela ia, levavam ela a reuniões onde haviam representantes, até militares e tudo, e ela passava como uma dondoca [...]” (SANTOS, 2018, tradução nossa)²³.

Foram presos por diversas vezes tanto no Uruguai como na Argentina, Santos conta que Dora foi presa e torturada, estava grávida e perdeu o bebê. Ela tinha sido violentada por uns sete homens, mas o movimento conseguiu salvá-la. Da mesma forma Santos também foi preso e solto diversas vezes, o espancamento na

²² No original: “[...] *la voluntad humana, la consciencia que tiene cada persona, cada persona tiene algo por adentro, amor propio, consciencia, que nos lleva a hacer cosas, que nunca nadie imagina que puedas hacer, a veces tu estás tan cansado, tan cansado que decis: ah no doy mais um passo, y mismo así no, pero tengo que llegar, tengo que llegar, y tú llegas. Entonces a veces, no, mismo que te peguen, no le digo a ellos, no les digo, porque yo voy a decirles a estos sin vergüenzas si me van a matar igual?*”.

²³ No original: “*Era medio elegante todavía, tenía esa mala suerte que era elegante, entonces ella iba, la llevaban a reuniones adonde habían representantes, hasta militares y todo, y ella pasaba como una coqueta [...]*”.

tortura comprometeu os rins e também o sistema vascular. Atualmente possui marca passo e usa *stent*²⁴ no coração e desconfia que seja em decorrência das torturas e choques que levou na prisão. Entretanto após muitas fugas e trocas de nomes e endereços, foi por meio do ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados) que conseguiram o exílio para a Suécia.

Nunca pensaram, Santos e Dora, que iriam para aquele país, um lugar que causava estranheza, a começar pelo idioma que não faziam ideia como aprender. “[...] não sabia nada, sabia da Suécia pela escola e de estudar mas né, e chegamos em Suécia, e bom, aí foi duro também porque não tinha nada a ver, é um país que não tem nada a ver com nós, então tu tinha que se adaptar” (SANTOS, 2018, tradução nossa)²⁵. O exílio ocorreu por volta de 1975, chegaram e ficaram em alojamentos para depois se acomodarem, eles e os demais refugiados, em um local melhor. Os responsáveis por recebe-los no país, organizavam as pessoas conforme suas famílias, com filhos, sem filhos etc. Ofereciam comida – café da manhã, almoço e jantar – bem como professores de sueco para que aprendessem o idioma,

[...] eles queriam era que nos integrássemos na sociedade sueca porque era uma sociedade que tinha muito pouca natalidade, muito pouco tem filhos né, então estavam vazios o país, e queria que a gente ficasse para trabalhar e nós dizíamos que sim (SANTOS, 2018, tradução nossa)²⁶.

No exílio, Santos relembra que havia um grupo de uruguaios que se uniram, e continuaram atuando e militando na Suécia. Panfletavam, faziam espetáculos com músicas contra a ditadura e principalmente denunciaram o que estava sendo feito na América Latina.

Voltamos a falar sobre a tortura na Argentina, ele relembra que antes de serem exilados a forma como os militares praticavam punições físicas era bem mais “leve”. Conta que depois de partirem para Suécia tiveram notícias que os regimes latinos tinham se especializado com professores que vinham do exterior, a torturar

²⁴ *Stent*: “[...] é uma endoprótese expansível, em formato de tubo, normalmente fabricada com metal (especialmente nitinol, aço e ligas de cromo e cobalto), perfurado, que é colocado no interior de uma artéria para prevenir ou evitar a obstrução do fluxo no local por entupimento desses vasos” (MELDAU, 2018).

²⁵ No original: “[...] *no sabia nada, sabia de Suecia por la escuela y de estudiar pero viste, y llegamos en Suecia, y bueno, ahí fué duro también porque no tenía nada que ver, es un país que no tiene nada que ver con nosotros, entonces tu tenías que adaptarte*”.

²⁶ No original: “[...] *ellos querían era que nos integrásemos en la sociedad sueca, porque era una sociedad que tenía muy poca natalidad, muy poco tiene hijos viste, entonces estaban vacíos el país, y quería que nosotros nos quedáramos para trabajar y nosotros decíamos que sí*”.

de uma forma mais profissional. Santos recorda sua prisão que durou mais de um mês na Argentina, e as torturas que sofreu – em sua construção da memória aborda cenas das quais constam no trecho a seguir:

[...] mas eu passei pela Argentina no que se chama, *Escuela de la Armada*, eu estive aí como um mês e meio preso aí detido e a primeira que me fizeram me penduraram em um pau, e como eu sou baixo de estatura não apoiava o pé no chão apenas as pontinhas dos pés e [...] tu pode imaginar dez horas estar aí, me matem eu pedia. Depois me colocaram em um cavalete, mas de canos e te amarram por baixo e te deixam imóvel [...] chega um momento que parece que estão te cerrando, parece que estão te cortando ao meio. E choques elétricos, pegam um balde de água jogam em ti, te molham e tu fica jogado, te jogam o balde de água e te colocam uma coisa elétrica na água. [...] eu tenho marca passo tenho *stent*, tenho como quatro ou cinco aqui no coração, e eu penso que é tudo consequência disso, eu agora por exemplo caminho muito pouco porque eu me sufoco, me falta o ar, e penso que seja do coração também (SANTOS, 2018, tradução nossa)²⁷.

Ao retratar sua memória dos períodos em que foi preso e torturado, Santos avalia que muitos companheiros não conseguiam resistir às punições e muitos traíram o Movimento delatando companheiros e ações para o Exército. Um deles foi Amodio Peres que vendeu sua liberdade denunciando o grupo para os militares, conseguiu um passaporte para ele e sua esposa e foram morar na Espanha. Para Santos existem debilidades de natureza humana que fazem com que algumas pessoas sejam mais fracas que outras, isso faria parte do jogo político, nem todos conseguem resistir, e se conseguem existe um limite que é o humano.

3.3 MEMÓRIA DE CHIQUITA: PARENTES EXILADOS E O RETORNO DE DORA

Chiquita relembra quando Dora retornou da Suécia, em meados de 1985. Com a democracia restaurada no Uruguai, a cunhada estava dependente de remédios psiquiátricos, muito debilitada psicologicamente e emocionalmente, por conta de tudo que havia passado durante sua trajetória de vida incluindo o exílio

²⁷ No original: “[...] pero yo pasé em Argentina en lo que se llama, *Escuela de la Armada*. Yo estuve aí como un mês y medio preso aí dentro detenido, y la primera vez que me hicieron, me colgarón en un palo, y como soy bajo de estatura no apoyaba el pié en el piso, apenas las puntitas de los piés y [...] tu te podes imaginar diez horas estar aí. Matenme pedia yo. Después me colocaron en un caballete, pero de caños y te atan por abajo y te dejan inmóvil [...] llega um momento que parece que te están cerruchando, parece que te está cortando en el medio. Y choques eléctricos, agarraban un balde con agua y te tiraban, te mojaban y tu te quedabas tirado, te tiraban el balde de agua y te colocaban una cosa eléctrica en el agua. [...] yo tengo marca passo, tengo un stend, tengo como unos cuatro o cinco aquí en el corazón. Y yo pienso que todo eso es consecuencia de eso, yo ahora por ejemplo camino muy poco, porque yo me sufoco, me falta el aire, y pienso que sea del corazón también”.

político na Europa. Chiquita conta que Dora possuía dificuldades de se integrar novamente à sociedade uruguaia, tentando por duas vezes o suicídio. De enfermeira chefe passou a ser a paciente precisando de cuidados médicos.

Santos acrescenta que voltaram do exílio somente após as eleições de 1984 no Uruguai. Essa abertura democrática permitiu que retornassem ao país de origem. O exílio foi muito difícil para os dois, como relatado anteriormente, a Suécia era uma sociedade totalmente diferente da que eles tinham conhecimento, no entanto quando voltaram para a América Latina tudo estava diferente do que tinham vivido no Regime Militar,

[...] e ela encontrou aqui, o mundo que nós conhecíamos que viemos preparados não existia então entrou em um estado, e as companheiras já não estavam, as companheiras dela e ela perguntava por uma e essa uma tinha morrido e a outra também tinha morrido e a outra foi embora e a outra não estava, então ocorre que não a suportou, não a suportou, tem pessoas que. Eu por exemplo vou te dizer que as vezes me ponho a pensar, e na verdade as vezes me dá vontade de morrer pra te dizer a verdade, mas tem pessoas que não suportam. Todos não somos iguais então estamos feitos assim (SANTOS, 2018, tradução nossa)²⁸.

Na opinião de Santos, os remédios consumidos por Dora não solucionavam o problema. Segundo ele, nem todas as pessoas estariam preparadas para ter uma conversa com um psicólogo ou psiquiatra: “[...] as vezes tem gente que não está preparada [...] o psicólogo te leva a uma regressão então tem que viver outra vez tudo de novo toda a miséria tudo outra vez e tudo remexe e remexe até que chega um momento que há pessoas que não suportam” (SANTOS, 2018, tradução nossa)²⁹.

Questionei na entrevista se há algum registro fotográfico tanto de Dora quanto de Santos para incluir na pesquisa, Chiquita disse que podia fornecer fotos de quando o marido dela, Oscar, foi visitá-los na Europa através da Marinha mercante onde trabalhava, e trouxe para ela no Uruguai. Em uma das viagens que Oscar fez a

²⁸ No original: “[...] y ella encontró aquí un mundo que nosotros conocíamos que vinimos preparados no existia, entonces entró en un estado, y las compañeras ya no estaban, las compañeras de ella. Preguntaba por una y esa se habia muerto, y la otra también se habia muerto, y la otra se fué, y la otra no estaba. Entonces ocurre que no la soportó, no la soportó. Hay personas que...yo por ejemplo te voy a decir que a veces me pongo a pensar, y en la verdad que dá ganas de morirme para decirte la verdad. Pero hay personas que no soportan. Todos no somos iguales, entonces estamos echos así”.

²⁹ No original: “[...] el psicólogo te lleva a una regresión entonces tiene que vivir otra vez todo de nuevo, toda la miseria, todo otra vez, y todo se revuelve y revuelve hasta que llega um momento que hay personas que no soportan”.

trabalho, encontrou Dora e Santos na Alemanha Oriental ficaram quatro dias juntos e na volta para o Uruguai trouxe álbuns de fotos enviados para Chiquita, que retratavam a vida que tinham no exílio.

[...] ela [Dora] uma mulher muito bonita muito bonita, era muito bonita com uns olhos grandes e negros um cabelo castanho claro ao se deprimir vivendo o que viveu lá, teve que viver no exílio e voltou pra cá se deprimiu mas foi uma grande mulher foi uma grande militante, viveram juntos no exílio, 13 anos e quando veio pra cá já veio meio deteriorada por viver no exílio (CHIQUITA, 2018, tradução nossa)³⁰.

Chiquita conta que Dora encontrou um país diferente quando voltou, suas conversas eram baseadas na memória daquilo que tinha vivido durante o Regime Militar, de perseguição e militância política,

[...] estava sempre baseada nisso estava fechada em um círculo vicioso que era a vida que tinha passado na clandestinidade o que havia vivido, então se transformou em uma doente, ela seguia com o sistema de que a perseguiam de que havia milicos por toda a parte, de que ela tinha que ter um revólver, que tinha que dormir com um revólver no travesseiro [...] Não pôde superar ao que, eu como enfermeira, julgo sobre ela, me atrevo a julgar sobre ela. Ela, viveu tudo isso mas guardou aqui (apontando para a cabeça) como em um computador, e voltou a vida real ao que podia ter vivido feliz de que saímos de uma ditadura e tudo e não. Ela seguia dizendo que tinha milicos por aqui que estavam atrás da porta que estavam aqui [...] não se podia ter outro tipo de conversa com ela além do que isso, tudo arredondava nisso, ela estava sentada aqui e dizia 'olha! Um barulho! Parece que os milicos estão chegando' (CHIQUITA, 2018, tradução nossa)³¹.

No ano de 2005, Dora vem a falecer dormindo, Chiquita relembra que foi um choque para todos. Em uma certa manhã Santos ao se levantar da cama preparou o café da manhã para sua esposa e quando foi acordá-la já estava morta. Seu corpo

³⁰ No original: “[...] *ella [Dora] una mujer muy bonita, muy bonita, era muy bonita con unos ojos grandes y negros, unos pelos castanhos claros. Al deprimirse viviendo lo que vivió allá, tuvo que vivir en el exilio y volvió para cá se deprimió, pero fué una grande mujer fué una gran militante, vivieron juntos en el exilio, 13 años y cuando vino para acá, ya vino medio deteriorada por vivir en el exilio*”.

³¹ No original: “[...] *estaba siempre embasada en eso, estaba cerrada em um círculo vicioso que era la vida que había pasado en la clandestinidad, lo que había vivido. Entonces se transformó en una enferma. Ella seguía con el sistema de que la perseguían de que habían milicos por todas partes, de que ella tenía que tener un revólver, que tenía que dormir con un revólver en la almohada.[...] no pudo superar a lo que, yo como enfermeira, juzgo sobre ella, me atrevo a juzgar sobre ella. Ella vivió todo eso pero guardo aqui como en una computadora, y volvió a la vida real a lo que podía haber vivido feliz de que salimos de una ditadura y todo, y nó. Ella seguía diciendo que habia milicos por aqui, que estaban atrás de la puerta, que estaban aqui [...] no se podia tener otro tipo de conversa con ella además de eso. Todo arredondaba en eso, ella estaba sentada aqui y decía “mirá un ruido, parece que los milicos están llegando”*”.

foi doado para estudos à faculdade pública de medicina, doou em vida, parece segundo Chiquita que a morte da Dora já estava preparada.

[...] pra mim foi uma grande mulher, lastima que ao final, tem um final que não é feliz porque termina uma mente consumida, uma mente que atormentada por tudo o que viveu, sempre escondida, sempre tudo, a liberdade que teve foi na Suécia, quando viveram na Suécia, mas foi um país totalmente desconhecido pra eles [...] (CHIQUITA, 2018, tradução nossa)³².

Segundo Chiquita, tudo isso foi em decorrência de um sistema político que não abastecia seu povo. Se eles vivessem em uma democracia e com os direitos garantidos e liberdades, não haveria necessidade de criar uma guerrilha armada para defender o país, como eles fizeram e ajudaram a construir, “[...] coloca no final que foi uma grande mulher, uma grande mulher com uma luta guerrilheira muito difícil na época e depois que viveu na situação que viveu em outros países” (CHIQUITA, 2018, tradução nossa)³³. Lembra também que ela e seu marido Oscar visitaram Santos e Dora na Argentina, recorda que na época o irmão e a cunhada, moravam em uma pensão em frente a um posto militar, e fingiam ser um casal de evangélicos, iam na igreja todos os domingos e tudo, viviam no sótão dessa pensão e Chiquita lembra que os quatro ficavam horas rindo e conversando muito sobre toda aquela simulação para não serem pegos pelos militares.

Entre as lembranças marcantes para Chiquita, está o dia em que Santos e Dora deixaram a Argentina. Ela e seu marido Oscar foram ao aeroporto escondidos e testemunharam, ao longe, o embarque no avião.

[...] eu senti que parecia que estavam me amarrando uma gravata aqui (na garganta) com a sensação de que eu não os ia ver nunca mais nunca mais viu então tu sai pelo caminho com as lágrimas caindo e meu esposo me tranquilizava e me dizia que não ia acontecer nada Chiquita não vai passar nada tu vai ver teu irmão outra vez (CHIQUITA, 2018, tradução nossa)³⁴.

³² No original: “[...] para mi fué una gran mujer, lastima que al final, tiene un final que no és feliz, porque termina una mente consumida, una mente que atormentada por todo lo que vivió, siempre escondida, siempre todo, la libertad que tuvo fué en Suecia, cuando vivieron en Suecia, pero fué un país totalmente desconocido para ellos [...]”.

³³ No original: “[...] poné al final que fué una gran mujer, una gran mujer con una lucha guerrillera muy difícil en la época y despues que vivió en la situación que vivió en otros países”.

³⁴ No original: “[...] yo sentí que parecía que estaban atándome una corbata acá (en la garganta) con la sensación de que yo no los iba a ver nunca más, nunca más, viste. Entonces tu salís por el caminho com las lágrimas cayendo. Y mi esposo me tranquilizaba y me decía que no iba a “pasar nada Chiquita, no vá a pasar nada vas a ver tu hermano otra vez”.

A partir dessa despedida, começou a escrever cartas para seu irmão todas as semanas, contando coisas rotineiras da vida. Gostava de detalhar bem tudo aquilo que viviam no Uruguai, para que seu irmão pudesse se sentir em casa, mesmo estando longe. Enviava encomendas com recortes de jornais da época, para deixar seu irmão atualizado do que estava ocorrendo no país. Lembra também quando Bordaberry subiu ao poder ela escreveu “[...] este é o senhor que é nosso presidente, olha que bonito” (CHIQUITA, 2018, tradução nossa)³⁵, mas ela sabia que era esse o senhor que tinha instaurado o Regime Militar, o falso elogio na carta era para que os militares não extraviassem a encomenda,

Recebiam diversos postais de Dora e Santos, e ficavam felizes, mas era muita saudade. As cartas escritas por Chiquita quase sempre eram enviadas com borrões de lágrimas pois chorava muito por seu irmão, “[...] que eu contava todos os detalhes, até quando via a fumaça das chaminés no inverno porque minha intenção era que essas imagens chegassem até ele” (CHIQUITA, 2018, tradução nossa)³⁶. Até chegar o dia em que seu marido Oscar foi rígido com ela. Chiquita relembra que chorava muito, pois não sabia se ia voltar a ver o irmão e se algum dia a liberdade política ia ser restaurada no país, e seu marido triste com a situação decidiu acalmá-la.

[...] me sentou e me disse, tu vai me escutar – não chore mais por teu irmão, teu irmão tem abrigo, tem comida, tem casa tem tudo, viu está vivendo no exílio com a necessidade de seu país mas tem tudo, não está brigando o que estamos brigando nós do lado de cá para recuperar a democracia então deixa de chorar pelo teu irmão, e deixa das cartas com teu irmão (CHIQUITA, 2018, tradução nossa)³⁷.

Foi então que ela parou de escrever com tanta frequência e decidiu se acalmar. Quando Oscar trouxe os álbuns da Alemanha Oriental ela ficou mais tranquila de que estava tudo bem com eles, até que chegou o dia em que a democracia voltou ao país com as eleições de 1984. Apesar do novo presidente não ser de esquerda ela relembra que foi um dia muito feliz, ou em suas palavras,

³⁵ No original: “[...] *este señor que es nuestro presidente, mirá que bonito*”.

³⁶ No original: “[...] *que yo contaba todos los detalles, hasta cuando veía el humo de las chimeneas en el invierno, porque mi intención era que esas imágenes chegaran hasta él*”.

³⁷ No original: “[...] *me sentó y me dijo, me vas a escuchar – no llores más por tu hermano, tu hermano tiene abrigo, tiene comida, tiene casa, tiene todo, viste está viviendo en el exilio con la necesidad de su país, pero tiene todo. No está peleando lo que estamos peleando nosotros al lado de acá, para recuperar la democracia, entonces deja de llorar por tu hermano, y deja de cartas con tu Hermano*”.

[...] esse dia foi maravilhoso, as caçarolas estavam por todas as janelas batendo e batendo, batendo e soltaram as sirenes e se fez um grande ato lá, ouvimos os discursos de grandes militantes, nos encheu de emoção e saíram na sacada e viu falaram o dito 'povo unido jamais será vencido' (CHIQUITA, 2018, tradução nossa)³⁸.

Chiquita sempre militou no movimento de esquerda, e depois da instauração democrática não foi diferente. Inaugurou no departamento de Maldonado, cidade onde reside até hoje, uma sede do Frente Amplio onde possui uma forte atuação política e organiza muitos movimentos e atos. Dois dias depois, dessa entrevista do dia 9.02.18, conseguimos nos deslocar até Maldonado e visitamos sua casa e a sede chamada Gelos Bonilla. O nome é uma homenagem a um homem que foi preso e torturado na ditadura militar, até hoje os familiares não conseguiram encontrar o corpo, é um desaparecido político.

Segundo Chiquita, há relatos de pessoas que o corpo de Bonilla estaria enterrado na base militar da aeronáutica no Uruguai, mas os familiares ainda não tiveram a permissão de escavar o local para encontrar os restos mortais dele. Construíram um monumento em sua homenagem e todos os anos, há um ato de homenagem e reivindicam pelo direito de escavar e encontrar seus ossos.

[Gelos Bonilla] era um pedreiro da construção que estava sentado na praça de Maldonado na esquina e veio a polícia, o exército tirou ele daí e levou ele preso, levou ele preso e torturaram ele, na base aérea do exército, mataram ele, castraram ele, amarraram ele com fios de aço, e se acredita e se sabe que está enterrado em frente ao aeroporto e ainda tem médicos que viveram no momento de quando ele esteve arrestado, mas não se pôde ainda dizer onde está enterrado, estamos esperando e estamos lutando pelo companheiro que está aí. . E pensamos sempre que o dia em que (tomara que eu esteja viva), que encontremos ele, para fazer uma grande festa, e quando fizemos o comitê votamos que nome colocar e o mais votado foi o dele, e levamos o nome dele o busto dele na camiseta (CHIQUITA, 2018, tradução nossa)³⁹.

³⁸ No original: “[...] *Esse día fué maravilloso, las cazarolas estaban por todas las ventanas, pegando, pegando y pegando y soltaron las sirenes y se hizo um grande acto allá, escuchamos los discursos de grandes militantes, nos llenó de emoción y salieron en el balcón y viste hablaron el dicho ‘Pueblo unido jamás será vencido’.*”

³⁹ No original: “[...] *[Gelos Bonilla] era un obrero de la construcción que estaba sentado en la plaza de Maldonado en la esquina, y vino la policía, el ejército lo sacó de ahí y lo llevó preso. Lo llevó preso y lo torturaron, en la base aérea del ejército, lo mataron, lo castrarón, lo ataron con alambres. Y se cree y se sabe que está enterrado en frente al aeropuerto y todavía hay médicos que vivieron en el momento de cuando el estaba preso, pero no se pude todavía decir adonde está enterrado, estamos esperando y estamos luchando por el compañero que está ahí. Y pensamos siempre que el día en que, ojalá esté viva, que lo encontremos, para hacer una gran fiesta, y cuando hicimos el comité, votamos que nombre ponerle, y el más votado fué el del, y llevamos el nombre del y el busto del en el buso’.*”

Ela fez questão de doar livros sobre a política do país, bem como bandeiras para que guardasse de recordação. Falou que caso não quisesse poderia doá-los para alguma biblioteca pública ou até mesmo um asilo. Disponibilizou fotos do álbum que ganhou de Santos – trazido da Alemanha pelo seu marido Oscar, já falecido –, descreveu as imagens muito emocionada, e permitiu registros fotográficos.

Chiquita mostrou sua biblioteca e os livros de política que tem em seu apartamento, explicou sobre cada livro doado e falou sobre a importância desses registros históricos, para que a ditadura nunca mais aconteça. É através da democracia que podemos lutar por nossos direitos e pelo que queremos para nosso país. Segundo Chiquita, os livros ajudariam na pesquisa, afinal para ela se queremos conhecer um guerrilheiro, temos que ler a história do movimento guerrilheiro do país. Terminamos a entrevista recebendo uma bandeira do Uruguai e outra do partido no qual milita no Frente Amplio, o MPP, que com orgulho nos diz que é o mesmo partido do Pepe Mujica⁴⁰ um dos principais guerrilheiros Tupamaros do país que conseguiu ocupar o cargo mais importante, o da presidência.

⁴⁰ José Mujica ou Pepe Mujica (como é chamado), foi um dos principais comandantes guerrilheiros do MLN – Tupamaros. Foi preso e torturado durante o Regime Militar na década de 1970. E em 2010, por meio de eleições, alcançou o cargo máximo político do país, sendo presidente do Uruguai.

4 ANÁLISE

Este capítulo inter-relaciona os conceitos estudados pelos autores apresentados no capítulo teórico, a todo o processo de rememoração feito pelos entrevistados durante a evocação de suas histórias de vida militantes no Uruguai. Será questionado ao longo da análise, se a teoria da memória coletiva de Halbwachs (1968/2006) foi ou não operante nos relatos narrados. A forma como os conceitos de memória coletiva e memória individual se desenvolvem durante a história e a unidade de grupo independente da distância. Também será abordado de que forma essas memórias incidem no momento presente dessas pessoas, bem como a importância do fenômeno coletivo na memória dos entrevistados.

4.1 CONCEITOS INICIAIS DA MEMÓRIA NOS RELATOS DE SANTOS E CHIQUITA

Como descrito em subcapítulo deste estudo, Durkheim (1912/2003) traz a ideia em sua teoria sobre sermos seres coletivos, e dessa coletividade os grupos e sociedade são constituídos. Santos e Chiquita, por meio de suas narrativas descrevem suas memórias a partir de um ponto que os une, o movimento político de esquerda. É a partir desse grupo que a história de suas vidas enquanto indivíduos passa a ter sentido social. Se observa que é partindo de uma coletividade militante que desenvolvem suas memórias de vida. Dessa forma, se pode afirmar que a memória não é algo estritamente biológico, ou apenas fatos armazenados em neurônios, mas sim um processo interpretativo de ordem social, armazenado a partir de eventos que imprimiram nos entrevistados uma marca e que fazem sentido em um grupo.

É observado, que tanto na fala de Santos quanto na fala de Chiquita, há uma linha comum de pensamento interpretativo, os dois guiam suas lembranças a partir de fatos sociais políticos uruguaios e não somente disso, mas a partir de uma pessoa de relação comum entre os dois, a falecida esposa de Santos e/ou cunhada de Chiquita, a militante Dora. A história de vida dos três, foi narrada em um tempo vivido próprio do grupo que participavam e do mesmo modo um tempo individual de cada um. Não há uma organização cronológica histórica nas suas narrativas. É percebido aquilo o que afirmam Ollick, Vitzky-Seroussi e Levy (2011) sobre o

trabalho de Bergson em relação ao tempo ser um elemento subjetivo quando se trata de memória, podendo uma pessoa se lembrar de eventos antigos com mais detalhes do que aqueles recentes por exemplo. No caso das lembranças evocadas por Santos há uma riqueza de detalhes no período onde descreve o papel de Dora no MLN-T, a perseguição política, torturas e exílio. Durante a entrevista esses quatro elementos ganhavam espaço conforme a temporalidade vivida por ele. As torturas, por exemplo, foram mencionadas em dois momentos diferentes na fala de Santos. A primeira foi relatada em meio ao contexto de perseguição política no Uruguai, e a segunda foi lembrada no contexto atual da saúde dele, justificando seu presente por meio de suas recordações ao sofrer fisicamente.

Observa-se ao longo da narrativa, o que Halbwachs (1968/2006) entende por tempo vivido, onde há possibilidade de que algumas lembranças não possuam nexo de datas, a unidade de tempo estabelecida entre os entrevistados é determinada por meio de eventos políticos. O que é contado durante a narrativa de vida, foi organizado por meio das recordações efervescentes, como as fugas dos militares, as tarefas dentro do movimento e as formas de tortura por exemplo. Desse modo em seus relatos não houve presenças de datas específicas de forma geral, e quando foi relatado algum ano, os entrevistados demoravam para lembrar de forma exata, assim se confirma o sistema de *imagem-recordação* de Bergson como traz à luz Murillo (2009) onde há um esforço na reconstrução de alguma memória específica.

Cordeiro (2015) identifica o conceito de memória autobiográfica trazido nos estudos de Ribot (1881/1906), como um esforço reflexivo de um indivíduo ou grupo para recuperar fatos do passado, e para isso as pessoas utilizariam como ferramenta os chamados pontos de referência. É a partir dessas localizações mentais que Santos e Chiquita organizaram suas narrativas, por isso o tempo cronológico de calendários, pouco importaria nesta análise, pois as recordações são acessadas por eventos que se destacam para o grupo. Um exemplo de lembrança onde não é necessária uma data específica, é quando Chiquita recorda a abertura democrática do país, ou o fim da ditadura no Uruguai, durante sua reflexão a data não era o eixo principal, mas sim o sentimento de emoção e as imagens do povo nas ruas da cidade, bem como as canções e palavras de ordem que guiavam aquele grupo. Ela conseguiu lembrar do som das caçarolas que as pessoas batiam nas ruas, e é esse ponto de referência que ela usa para gravar aquele momento. Ao perguntar à ela a data de término do regime militar, ela demorou um pouco para

identificar o dia da semana e a data específica, mas ao perguntar como foi essa abertura democrática, Chiquita acessou áreas de sua mente com focos em imagens, objetos e palavras, e é dessa forma que entendo como a memória é construída.

Os quadros sociais entendidos por Halbwachs (1925/1994) nesta análise explicam a forma como essas pessoas contaram suas histórias, as memórias de Santos e de Chiquita relacionadas a Dora tinham pontos em comum e pontos diferentes. Durante as suas narrativas conseguiam completar o pensamento do outro sobre a trajetória militante de Dora. Analiso que esses “encontros” de memórias e até mesmo os relatos diferentes são os pontos de referência, e a partir dessas localizações se percebe as influências de um grupo. O que observo aqui é a proximidade das falas, os dois narram sobre a falta de liberdade de uma forma muito próxima, sobre desconfiança nas pessoas pois poderia ser um militar infiltrado, e até mesmo do abalo psicológico de Dora pós retorno do exílio. Embora possuam alguns pontos de vista diferentes, como as vivências individuais dentro da política, a exemplo de Chiquita que não sofreu tortura enquanto que o irmão tivera sofrido mais de uma vez, as lembranças ecoam juntas, a memória é coletiva pois está impressa na vivência de todo o grupo.

Interessa observar como Dora, mesmo que não esteja fisicamente presente, está viva nos quadros sociais da memória de Santos e Chiquita. Pode-se refletir por meio do que Nora (1984/1993) entende sobre a memória ser algo vivo, de certa forma as lembranças sobre Dora abordadas por seus familiares faz com que ela esteja ainda presente no grupo militante. Por isso a localização geográfica e interação face a face que Halbwachs (1950/1997) menciona, não é determinante para que um grupo permaneça. Segundo o autor, os indivíduos estão ligados mentalmente uns aos outros, no exílio de Santos por exemplo ele continuou exercendo sua atividade política realizando atos em denúncia a ditadura na América Latina, mesmo não estando fisicamente junto aos seus companheiros continuava construindo a memória da militância de esquerda como um todo.

A memória que os irmãos contam, são propriedade tanto deles quanto do movimento político uruguaio, pois como mencionam os autores da memória, as lembranças são coletivas, não necessariamente um viveu o que o outro viveu, mas como seus pensamentos estavam alinhados as recordações são de todos. Nesse sentido deve-se fazer uma reflexão mais profunda acerca da teoria da memória coletiva apontando as narrativas específicas dos entrevistados.

4.2 MEMÓRIA COLETIVA NA HISTÓRIA DE SANTOS, DORA E CHIQUITA

A memória é o principal eixo que liga os três integrantes entre si e ao grupo político do qual fazem parte, embora os *milieu* sociais de cada um tivessem suas particularidades como o partido político de Chiquita, o sindicato trabalhista de Santos e o movimento Tupamaro de Dora, conseguiram desenvolver suas lembranças de forma muito comum, ao longo da trajetória militante. Segundo Halbwachs (1950/1997), para existir um grupo é necessário um pensamento alinhado entre os indivíduos que o compõem não necessariamente precisam estar próximos fisicamente para que o coletivo exista, isso explica a unidade do movimento de esquerda no Uruguai quando os entrevistados contam a história.

Entretanto, uma peculiaridade encontrada nesta história é a habilidade dos indivíduos em fazer parte de um grupo no qual não sabem ao certo quem são as pessoas que fazem parte dele, qual é a dimensão desse grupo, e ao mesmo tempo desconfiar de todos em volta, por alguém poder ser um militar infiltrado. Se eles não sabiam nem a identidade verdadeira de seus companheiros de grupo, o que fazia com que formassem uma unidade? Justamente as mentes alinhadas em um propósito comum, ou seja, o reforço das atividades no movimento e dos pensamentos alinhados a vertente política, gerou um processo de memórias concisas e isso fez com que o grupo se estabelecesse até hoje por meio do Frente Amplio. Além disso percebeu-se ao longo das falas, disponibilizadas em anexo a este trabalho, que tanto Santos como Chiquita se referem ao grupo como “eles”, em todas as atividades descritas, desde atos do movimento Tupamaro, até o exílio. Esta coletividade os acompanha. “Eles” estavam em todos os lugares, num sentido de onipresença. Desse modo a consciência de grupo e sociedade descrita pelos entrevistados se constrói por meio de suas mentes, por isso Santos continuou militando pela política de seu país na Suécia, pois estava presente nele todas as memórias de um movimento que ultrapassava as barreiras geográficas.

Observa-se que a memória individual e a memória coletiva de ambos os entrevistados complementam o sentido do movimento político. Todas as partes da história ao serem compiladas nesse estudo passam a ter uma forma de unidade ainda maior. Começo a analisar as lembranças individuais de Chiquita, percebe-se ao longo dos relatos que sua vida sempre possuiu uma trajetória política, felizmente não sofreu prisões nem torturas mas possui uma empatia muito sensível àqueles

que haviam sofrido este tipo de represália por parte do Exército. Acima de tudo ela mesma diz que teve muita sorte, pois somente não foi pega ou exilada, mas de modo geral participou na organização do movimento de esquerda sendo atuante nos atos e reforçando o ideal do grupo.

A primeira principal lembrança de Chiquita, apontada nesse trabalho, foi a despedida de seu irmão e sua cunhada quando foram embora da Argentina, nem sequer Santos a viu, ela e seu marido Oscar os viram de longe no aeroporto e a descrição que ela faz desse momento é única, o sentimento de emoção e o nó na garganta como ela mesma descreve, bem como o pensamento de não saber se reencontraria os familiares novamente, são enquadrados nesta análise como uma memória individual. A segunda lembrança foi quando Chiquita escrevia as cartas para o irmão que estava exilado na Suécia. A preocupação dela era de que seu irmão por meio da descrição dela pudesse reduzir a saudade e a distância entre os países, ou seja Santos lendo aquelas cartas poderia se sentir mais em casa. Esta ideia de lembrança a partir de eventos, ou até mesmo sentimentos é o que Halbwachs (1925/1994) destaca em seus estudos sobre memória. Este sistema de cartas podia fazer com que Santos e Dora não se sentissem sozinhos em um país com uma cultura tão diferente, isso demonstra o quão é importante a memória coletiva e o quanto ela converge com a individual. Foi percebido no momento em que Chiquita contou a sua lembrança das cartas e a do aeroporto, que Santos sorriu, é nesse momento que analisamos o quanto uma recordação individual tem o poder de acessar a memória do outro indivíduo alinhado ao mesmo coletivo.

Fazendo uma análise do ser *sensível* e *interpretativo* de Chiquita, podemos aplicá-lo ao episódio do aeroporto por exemplo. No momento em que ela estava presente vendo seu irmão partir o seu ser *sensível* tratou de captar e apreender essa imagem e o sentimento de saudade, enquanto que no momento em que ela recorda a cena ali na entrevista, atua o seu ser *interpretativo* deslocando sua mente ao passado e tomando consciência que aquela vez poderia ter sido a última que veria seu irmão, por não saber se a democracia iria se instaurar novamente no Uruguai. A entrevista permitiu observar na prática o fenômeno da memória descrito por Halbwachs (1950/1997) em sua obra, e mostra o quão verdadeiro é o esforço que se precisa fazer para localizar uma lembrança, evocá-la e ainda interpretá-la conforme as influências vividas em grupo.

Nas memórias narradas por Santos se podem destacar como lembranças individuais duas específicas. A primeira diz respeito as torturas sofridas quando foi preso, a descrição dos detalhes como os choques e espancamentos são pontos de referência efervescentes na mente do entrevistado. Durante a narrativa Santos se emocionou e chorou. A lembrança como relata Halbwachs (1950/1997) é trazer ao presente eventos passados, e foi exatamente o que aconteceu na entrevista, as falas não trouxeram somente a história, mas os sentimentos de dor e sofrimento foram demonstrados no mesmo momento. A segunda lembrança individual evocada por Santos é a do exílio na Suécia, embora demonstrasse a gratidão e a sorte por conseguir escapar das perseguições na América Latina, recordou as dificuldades em se integrar em uma sociedade distinta de tudo aquilo que tinha vivido até então. Mesmo assim se uniu novamente a grupos militantes de uruguaios que também estavam no exílio, e participou de atos denunciando a ditadura no Uruguai, conforme a figura 1.

Figura 1 – Santos em ato político na Suécia, década de 1970



Fonte: digitalizado do acervo pessoal da autora (2018)

A ideia de *grupo* desenvolvida por Halbwachs (1950/1997) faz sentido na história narrada, a aproximação de Dora e Santos ao grupo de uruguaios teve como fator determinante, além da cultura semelhante, o alinhamento comum acerca dos ideais políticos bem como experiências parecidas entre eles.

Embora as memórias fossem individuais se percebe que contribuem para manter vivo um movimento. Não necessariamente os indivíduos precisavam estar juntos para que o grupo se mantivesse unido, mas era necessário manter as interações entre eles em constante atividade, por meio de memórias coletivas assim o ideal da militância de esquerda permaneceu vivo.

Uma das perguntas feitas em campo foi a seguinte: porque, mesmo depois de torturas, prisões e perseguições vocês continuavam militando? A resposta foi dada por Santos (2018, tradução nossa) “[...] a vontade humana, a consciência que tem cada pessoa, cada pessoa tem algo por dentro, amor próprio, consciência, que nos leva a fazer coisas que ninguém imagina que se possa fazer” A palavra *consciência* analiso aqui como memória coletiva, tanto Santos como Chiquita e Dora, fazem parte de um grupo maior e essa palavra expressa um sentido de coletividade, ou seja a consciência política e social intrínseca em cada um deles fez com que tomassem atitudes extraordinárias, no sentido literal da palavra, fora de um sentido comum.

Como vimos em subcapítulos desse trabalho, as memórias são um conjunto de eventos do passado das quais são gravadas em nossa mente por meio de nossas influências e coerções em grupos dos quais fazemos parte, então são essas mesmas memórias que nos motivam a tomar certas atitudes, podemos interpretar a história dos entrevistados dessa mesma forma. As trajetórias de vida narradas por eles possuem influências políticas de ideais de esquerda e de sociedade, a partir disso os eventos acumulados em suas memórias os motivaram a participar da vida clandestina e lutar pelos direitos sociais que foram retirados por um Regime Militar instalado.

A unidade entre eles tem como eixo principal uma vida política e um objetivo em comum de que a sociedade uruguaia tivesse liberdade democrática, e para que essa unidade permanecesse, foi necessário que as memórias individuais e as memórias coletivas interagissem o tempo todo. Sua ligação de parentesco não é o fator primordial para que se mantivessem em um mesmo grupo, tanto é verdade que Santos narra sua mudança e da esposa para Morón na Argentina, e próximo morava

um de seus irmãos, mas como não estava envolvido na política não sabia que Santos e Dora estavam fugindo dos militares. Este irmão citado por ele, não estava alinhado ao grupo, portanto provavelmente não fazia parte dessa memória coletiva construída pelo movimento de esquerda, dentro desse contexto comprova-se o que Halbwachs (1950/1997) relata em seus estudos, onde é preciso que os indivíduos possuam semelhanças de pensamento para que se encaixem em um mesmo grupo.

Não é apenas por proximidade que os indivíduos se unem, mas por um propósito e isso fez com que Santos por exemplo entendesse as particularidades individuais e não somente as coletivas. Santos ao longo da narrativa demonstrou compreender as fraquezas humanas de alguns companheiros que não conseguiam resistir as torturas nas prisões militares. Embora pedissem que permanecessem durante um dia sem entregar o movimento ao exército, ele lembrou que nem todos conseguiam, e isso para ele dependia de cada ser humano. O coletivo está presente também, quando Santos demonstra nos relatos o sentimento de empatia com os companheiros, “[...] quando tinha algum caso de um companheiro que caía, pobrezinho, tomara que o matassem, porque era preferível que morresse para que não sofresse tanto” (SANTOS, 2018, tradução nossa). Isso demonstra que mesmo quando não estava preso, podia saber por meio de sua memória, o que o companheiro ia passar de sofrimento, por isso muitas vezes chegava a torcer para que morresse porque sabia o quanto era difícil resistir as torturas físicas.

4.3 DORA: POR CHIQUITA E SANTOS

A memória coletiva nos permite acessar a uma pessoa que já faleceu por meio da intersecção entre memórias individuais de Santos e Chiquita. Mesmo não tendo um relato da própria Dora, foi possível conhecê-la pois participou de um mesmo movimento político e é a partir das lembranças coletivas desse grupo que ela se mantém viva. O fenômeno de lembranças compartilhadas fez com que tivéssemos acesso a memórias individuais de Dora, um exemplo disso é o atentado que sofrera sozinha na Argentina, quando foi perseguida por militares, outro exemplo é a tortura que sofreu quando foi presa, Santos relata que foi estuprada por vários soldados e por consequência disso acabou sofrendo aborto do bebê que estava esperando.

Essas recordações individuais interagem com as histórias de vida contadas pelos entrevistados, essas lembranças não fazem só parte de Dora mas de Santos, Chiquita e de todo um movimento político de esquerda. Isso é explicado por Halbwachs (1950/1997), que não necessariamente vamos gravar memórias que somente nós passamos, também possuímos memórias coletivas que não necessariamente vivenciamos como autores, mas acabamos fazendo parte delas por meio de um grupo. É por meio dos *pontos de referência* ou *quadros sociais da memória* de ambos os entrevistados que identificamos quem foi Dora e seu papel no Movimento de Libertação Nacional – *Tupamaros*.

Assim como Santos e Chiquita, Dora construiu sua vida baseada na política de esquerda a qual atuava como militante, até mesmo a relação que tinha com seu marido era determinada pelo movimento, quando Santos conta sobre as separações físicas que tinham por conta das fugas ou compromissos, ficavam semanas longe e só de saber que não foram presos já era o suficiente para os dois.

O porte elegante de Dora foi destacado pelos dois entrevistados, e isso fez com que sua atuação no movimento Tupamaro fosse diferenciada, conforme os relatos apresentados era necessário que mantivesse uma certa postura pois participava de uma parte do grupo na área da medicina e muitas vezes precisou se infiltrar no meio militar para conseguir informações. Santos relembrou que até mesmo roupas como um casaco de pele havia ganhado do movimento, e isso reforçava o estereótipo que tinha que passar quando se infiltrava no exército, passava despercebida como uma “dondoca”, na concepção de seu marido ao longo da entrevista, conforme a figura 2.

Figura 2 – Dora com o casaco de pele. Exílio na Suécia, década de 1970



Fonte: digitalizado do acervo pessoal da autora (2018)

Os irmãos descrevem suas memórias acerca de Dora sob dois pontos de vista ao longo de sua narrativa. A primeira recordação é de uma mulher muito bonita, com cabelos castanhos e olhos escuros, que atuou fortemente na guerrilha do movimento de esquerda uruguaio, acima de tudo uma mulher que resistiu a ditadura militar e teve que manter uma vida clandestina por conta de um ideal político, por acreditar em uma sociedade democrática. Para Santos uma mulher que “colocou o seu grãozinho de areia” contribuindo para uma sociedade que respeitasse os direitos individuais, por um país livre da ditadura.

A segunda recordação descrita começa a partir do exílio político na Suécia, Chiquita conta que o afastamento do Uruguai fez com que Dora se deprimisse, e demonstrasse uma aparência mais deteriorada. Chiquita descreve em uma foto que a beleza física de Dora foi desaparecendo à medida que vivia no exílio, conforme a figura 3, conta que Dora não era feliz na Suécia, e desejava voltar logo para o Uruguai.

Figura 3 – Dora. Exílio na Suécia. Década de 1970



Fonte: digitalizado do acervo pessoal da autora (2018)

Chiquita relembra que Dora fazia uso de remédios de cunho psiquiátrico, e acredita que isso foi deteriorando a imagem de sua cunhada. Santos recorda quando voltaram da Europa no início da década de 1980, e assim que chegou no Uruguai Dora se deparou com uma sociedade diferente daquela que se lembrava, não encontrou suas companheiras, pois algumas haviam morrido e outras desaparecido, e não acreditava que a democracia era real. Em análise ao estudo teórico nesse trabalho, a memória segundo Halbwachs (1950/1997) determina como agimos no presente, e Dora de certa forma agia conforme aquilo do que se lembrava antes do exílio. Ela fugiu do país em um momento onde não havia liberdade, onde era constantemente perseguida pelo exército, quando ela volta para o país em uma abertura democrática, não consegue acreditar que exista essa liberdade, ou que a democracia era uma realidade e continuou agindo conforme o que guardou na memória.

Nas palavras de Chiquita encontramos uma análise próxima a teoria da memória coletiva, quando ela explica que as memórias de Dora ficaram armazenadas em sua cabeça da mesma forma que armazenamos informações em um computador, e nesse sentido Dora agia como se ainda estivesse sendo perseguida pelo Exército. Os comportamentos de se esconder quando ouvia algum

barulho ou de portar uma arma até mesmo para dormir comprovam que ela vivia com o mesmo pensamento de outrora.

Santos, em sua narrativa, compreende que nem todas as pessoas que sofreram algum tipo de evento traumático, conseguem fazer uma terapia com psicólogos e/ou psiquiatras. O motivo se deve ao fato de que no momento em que relatamos uma memória para alguém estamos de alguma forma revivendo aquela situação novamente, e isso causa desconforto e sofrimento para aquele que conta. Esse é o processo que o fenômeno da memória descrito pelos autores na teoria, causa naquele que relembra ou resgata para o presente uma *memória autobiográfica*. Nesse esforço em evocar uma recordação trazemos junto com a narrativa aquilo que sentimos no passado, e dessa forma pode causar por exemplo uma felicidade ao se tratar de um evento bom para nós, ou tristeza se tratando de um evento traumático.

Nesse trabalho analisamos que o fenômeno de rememorar algum fato e localizá-lo nos pontos de referência em nossa mente, não necessariamente são uma ação voluntária, embora não consigamos confirmar com a própria Dora sobre suas lembranças, a interpretação aqui seria que a crença persecutória dela e a descrença de que a ditadura havia acabado, são consequências de uma série de memórias fortes registradas e vividas antes do exílio. A presença dessas memórias tanto individuais quanto coletivas fez com que ela não conseguisse se adaptar à nova sociedade democrática que estava se desenvolvendo, é como se ela estivesse vivendo em um tempo diferente, no passado, naquilo que viveu e guardou na lembrança. Julgamos aqui que não seja um ato voluntário mas as marcas de fugas vividas na clandestinidade.

Analisando por esse viés, as memórias podem ter um papel cruel para um indivíduo. Dora tentou suicídio por duas vezes em decorrência de tudo aquilo que viveu durante a ditadura militar. Em seu criado mudo ao lado da cama reservava remédios, muitas vezes injetáveis. Chiquita desconfia que ela deva ter tomado uma dose muito forte que a levou ao óbito. Além de tudo analiso o fato de doar seu corpo para a faculdade pública de medicina como um ato político. Seu final é coerente com o tipo de sociedade pela qual lutava, viveu e atuou no movimento Tupamaro para garantir o direito de uma sociedade inteira, e doar seu corpo é, na interpretação desse trabalho, como se ela dissesse que continuaria sendo o grãozinho de areia para a construção e desenvolvimento de seu país.

Desse modo temos que analisar também o significado das memórias construídas ao longo de trajetórias de vida, como se desenvolvem no presente dos indivíduos e nos grupos aos quais pertencem. Por mais que a coletividade exista, cada indivíduo interpreta e administra as suas recordações de forma única. Nem todos superam ou conseguem conviver em seu presente com eventos que os marcaram no passado.

4.4 O PAPEL DA MEMÓRIA COLETIVA NO PRESENTE DE SANTOS E CHIQUITA

Santos afirma que seus problemas de saúde possuem forte influência das torturas sofridas no passado, as memórias da ditadura não estão somente em sua mente, mas também impressas em seu corpo. É como se os eventos que narrou ao longo da entrevista pudessem ser representados também no seu andar com auxílio de bengala e nas dificuldades cardíacas descritas por ele no decorrer de sua trajetória política. Santos continua participando da vida política por meio do Frente Amplio, que denomina como uma grande colcha de retalhos de vários partidos de esquerda que possuem muita força política no Parlamento.

Chiquita demonstrou uma emoção imensa ao lembrar da abertura democrática no país, e podemos analisar essa narrativa a partir do conceito de *percepção* descrito por Bergson (1919/2011). Durante a fala, Chiquita demonstrou que sentia um enorme desejo em que a ditadura acabasse, mas não sabia o momento exato e se um dia a democracia seria uma realidade. Podemos avaliar esse momento como uma *percepção*, ela imaginava uma situação que ainda não tinha ocorrido no passado. Quando esse dia aconteceu, é como se ela conseguisse sentir o mesmo que sentiu quando teve a *percepção*, Bergson (1919/2011) explica que quando a percepção se torna realidade, os sentimentos passados se acumulam no presente, tornando o momento mais intenso, ou seja, Chiquita no momento em que evocou sua lembrança do fim da ditadura conseguiu lembrar de quanto queria isso antes de acontecer, lembrou também de sua percepção acerca do fato. Nessa lembrança, ela conseguiu trazer para o presente a emoção que sentiu naquele momento, é como se fosse o ápice para uma militante de esquerda. Nessa análise interpreto como se tudo que ela, e seu coletivo fizeram em um passado tivesse valido a pena. Por isso ela descreveu a história de sua cunhada com muita tristeza,

pois para ela Dora deveria ter vivido seus últimos anos de forma feliz pelo país ter saído da ditadura militar, e não foi o que ocorreu infelizmente.

Chiquita tratou de fundar uma sede do Frente Amplio na cidade onde reside, Maldonado, e continua militando para o partido que é filiada o MPP. Quando visitei sua residência tive a oportunidade de conhecer a sede Gélos Bonilla, conforme as figuras 4, 5 e 6.

Figura 4 – Fachada da Sede Gelos Bonilla. Maldonado – 11.02.2018



Fonte: digitalizado do acervo pessoal da autora (2018)

Figura 5 – Bandeira do comitê de base, no interior da sede – 11.02.2018



Fonte: digitalizado do acervo pessoal da autora (2018)

Figura 6 – Entrada do comitê de base, algumas bandeiras dos partidos que compõe o Frente Amplio – 11.02.2018



Fonte: digitalizado do acervo pessoal da autora (2018)

Essas fotografias representam as memórias coletivas no presente, Durkheim (1898/2009) afirma que o reforço contínuo de alguns elementos ou até mesmo rituais garante a permanência temporal de uma memória, e isso depende da unidade de um grupo. O Comitê de Base Gelos Bonilla possui essa função, a de garantir o que foi conquistado por militantes de esquerda e reforçar a memória do que aconteceu na ditadura para que nunca mais aconteça. O próprio nome da sede, é o nome de um desaparecido. Isso possui um significado daquilo que essas pessoas não querem para o futuro, Chiquita revelou que torce muito para que consigam encontrar os restos mortais de Bonilla e para que ela consiga presenciar esse momento, e o fato de continuar realizando atos em homenagem ao desaparecido, fazem com que essa memória não seja esquecida, e também serve como uma ferramenta para a família reforçar o pedido de justiça.

Chiquita continua atuando no movimento político, mas hoje de forma diferente. Antes sonhava com a democracia e o direito do povo decidir seus representantes e o futuro do país, hoje acredita na força da unidade de esquerda no parlamento uruguaio, e lembra que no momento do fim da ditadura, embora fosse um partido de direita estivesse no poder, continuou feliz por ser uma eleição democrática e justa. Fez questão de nos mostrar a bandeira de seu partido com a assinatura de Lucía, integrante Tupamaro que hoje é vice-presidente do Uruguai e também é a companheira de Pepe Mujica, conforme a figura 7.

Figura 7 – Bandeira localizada na sede Gelos Bonilla, autografada por Lucía



Fonte: digitalizado do acervo pessoal da autora (2018)

O fenômeno da reconstrução da memória durante a entrevista foi observado, e se constata que atua de forma complexa nos indivíduos e nos grupos em que frequentam. São registros do passado armazenados conforme influências vividas ao longo de nossas trajetórias. A análise foi guiada por meio da temporalidade descrita nas memórias dos indivíduos, é mais do que uma viagem ao passado, é um entendimento de histórias de vida. A memória coletiva só se completa na memória individual e a recíproca é verdadeira, as recordações possuem um sentido maior quando são compiladas.

Os sentimentos subjetivos evocados nas narrativas, comprovam que a memória não é somente algo biológico, ou fatos armazenados de forma aleatória por

nossos neurônios. Santos e Chiquita demonstraram ao longo da entrevista que suas memórias se organizam por meio de uma corrente de pensamento coletivo, as recordações fazem sentido em um meio comum, e esse eixo de pensamento alinhado a um grupo transformou a vida cotidiana dos dois e de quem estava à sua volta, como o filho de Chiquita que se interessou pela política de esquerda mesmo sendo militar.

Tenho certeza que não houve tempo para que contassem toda a história de suas vidas, e mesmo que quisessem não conseguiriam fazer sozinhos, pois conforme os autores trazidos no capítulo teórico, não nos lembramos de tudo, apenas guardamos aquilo que de alguma forma nos marcou. Desse modo, assim como eles estão fazendo o trabalho militante de reforçar a memória política, faço aqui minha parte como pesquisadora em materializar parte de suas histórias para que nunca mais se dissolva, e para que não morra com eles as lutas de suas vidas.

As memórias marcam mais que nossas mentes, marcaram os indivíduos de todas as formas e com uma intensidade muito forte, o ideal de um grupo e as lembranças que o mantém vivo, fazem com que o indivíduo não desista de seus propósitos, a memória coletiva não apenas nos une mas nos impulsiona a continuar mantendo um ideal no presente. O indivíduo e o coletivo são convergentes e dependentes um do outro, é preciso que mais de um indivíduo se lembre para que a memória seja real e considerada na sociedade, talvez se ninguém tivesse contado histórias como essa, jamais se acreditaria em falta de liberdade, em tortura e muito menos em tudo o que a ditadura militar retira da sociedade.

Como Chiquita bem observa, se não houvesse a retirada de direitos políticos, sociais e humanos, provavelmente Dora não teria sua saúde mental deteriorada, não precisariam ser exilados e não teriam as ordens de suas vidas afetadas como foram. As memórias coletivas são importantes para que exista o registro do que aconteceu, para que não se repitam os erros e para que a vida dessas pessoas seja lembrada e sua luta não tenha sido em vão.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se nesse trabalho como conclusão que o fenômeno da memória coletiva se desdobra de maneiras diferentes nos indivíduos e nos grupos, se organiza conforme as influências e interesses de cada *milieu* social. Não é preciso ter datas específicas para que uma memória seja relevante para a ciência social. Os relatos vividos devem ser levados em consideração assim como fatos históricos são retratados nos livros com suas respectivas datas. Como observado em análise, o fenômeno da memória não é puramente biológico, é organizado por meio dos pontos de referência de cada indivíduo em coerção com os grupos a que pertencem. Santos e Chiquita organizaram suas memórias a partir de um movimento político, tiveram suas vidas baseadas na militância de esquerda e também sofreram as consequências por lutar contra a ditadura militar e acreditar em uma democracia.

Nem sempre a lembrança é consciente, pode ser algo que não se controla, algo perturbador, como foi o caso de Dora e as consequências psicológicas que as memórias de perseguição trouxeram para o presente pós-exílio. A dependência de medicamentos e a dificuldade em conseguir conviver em uma nova sociedade eram reforçadas por memórias que não conseguiam ser administradas tranquilamente por Dora. Essa análise foi extra teórica, embora Halbwachs (1950/1997), relate como as pessoas lembram de eventos vividos no passado e os trazem para o presente, não desenvolve as consequências de uma lembrança traumática para um indivíduo que pode ser a própria auto eliminação como foi o caso de Dora.

Observar a memória de um ponto de vista coletivo, não desconsidera as lembranças individuais dos integrantes de um grupo, pelo contrário as ressignifica ainda mais. É importante para a sociedade a materialização de determinadas memórias para que as pessoas que não viveram tais eventos consigam utilizar esse meio como ferramenta social para que a sociedade continue se modificando, mas não repetindo os mesmos erros como o cerceamento de direitos políticos em um Regime Militar.

A teoria descrita no capítulo inicial foi observada em prática e se considera pertinente e aplicável o conceito de *memória* e grupo na história de vida dos entrevistados. Também se comprovou por meio de análise que não é necessário que os indivíduos estejam fisicamente próximos para que a interação em grupo ocorra, isso foi demonstrado a partir do exílio de Santos e Dora que mesmo

afastados do Uruguai mantinham suas atividades políticas no exílio. Este trabalho alcançou o objetivo de compreender como funciona o fenômeno da memória observados em uma história de vida real, e constatou que é o principal eixo de ligação entre um grupo, mantendo-o vivo. As relações entre os entrevistados vão além do parentesco, compartilham dos mesmos pensamentos políticos de esquerda e isso se fortalece por meio de suas memórias semelhantes no movimento social.

Gostaria de continuar o trabalho de pesquisa com movimentos de esquerda brasileiros, e saber se a memória tem a capacidade de se estender em outras culturas, seria de muito valor continuar estudando histórias de vida utilizando da memória coletiva como principal ferramenta. Estimo como um privilégio poder ter contato parte da história dessas pessoas e ter materializado essas vivências por meio desse trabalho de conclusão de curso.

Considero esta pesquisa como um material científico que comprova a teoria da memória coletiva, com sua temporalidade específica, seus nuances sociais e seus pontos de referência específicos, realmente nos recordamos daquilo que nos marca, e esse fenômeno se organiza concordando com cada grupo onde atua, e permanece vivo por meio de ações dos indivíduos. Chiquita, Santos e Dora contribuíram em suas vidas para que a ditadura acabasse no Uruguai, e reforçando suas memórias acerca da privação de direitos, conseguiram junto a um grande movimento social instaurar a democracia novamente no país.

REFERÊNCIAS

BERGSON, H. A evolução criadora [1907]. In: BERGSON, Henri. **Memória e vida**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. **L'énérge spirituelle** [1919]. In: BERGSON, Henri. **Memória e vida**. São Paulo: Martins Fontes, 2011. Tradução de Veridiana Cordeiro (2015).

_____. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito [1939]. São Paulo. Martins Fontes, 2006.

CORDEIRO, Veridiana Domingos. **Por uma sociologia da memória**: análise e interpretação da teoria da memória coletiva de Maurice Halbwachs. 2015. 167 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/75525480-Por-uma-sociologia-da-memoria.html>>. Acesso em: 24 jun. 2018.

DURKHEIM, É. Individual and collective representations [1898]. In: DURKHEIM, É. **Sociology and philosophy**. New York: Routledge, 2009.

_____. **As formas elementares da vida religiosa** [1912]. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

HALBWACHS, M. **Les cadres sociaux de la mémoire** [1925]. Paris: Albin Michel, 1994. Tradução de Veridiana Cordeiro (2015).

_____. **Conscience individuelle et esprit collectif** [1939]. Tradução de Veridiana Cordeiro (2015). Disponível em: <www.uqac.quebec.ca/zone30.Classiques_des_sciences_sociales/index.html>. Acesso em: 24 jun. 2018.

_____. **La mémoire collective** [1950]. Paris: Albin Michel, 1997. Tradução de Veridiana Cordeiro (2015).

_____. **A memória coletiva** [1968]. São Paulo: Centauro, 2006. Tradução de Beatriz Sidou.

HARARI, J. **Contribucion a la historia del M.L.N Tupamaros (tomo 1)**. Montevideo: Editorial MZ, 1989.

MELDAU, D. C. Stent Cardíaco. **Infoescola**. 2018. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/medicina/stent-cardiaco/>>. Acesso em: 24 jun. 2018.

MELO, D. A. S. **Memória social e criação**: uma abordagem para além do modelo da representação. 2010. 247 f. Tese (Doutorado em Memória Social) – Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<http://www.memoriasocial.pro.br/documentos/Teses/Tese5.pdf>>. Acesso em: 24 jun. 2018.

MONTIGNY, G. **Maurice Halbwachs**: vie, ouvres et concepts. Paris: Ellipses, 2005. Tradução de Veridiana Cordeiro (2015).

MURILLO, L. F. R. Memória, experiência e política da comunidade de software livre e de código aberto brasileira. In: COLÓQUIO INDIVIDUALISMO SOCIABILIDADE E MEMÓRIA, 1., 2009, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2009.

NORA, P. Entre memória e história, o que mudou na história. Tradução de Yara Aun Khory. **Projeto história**: revista do programa de estudos pós-graduados de História, São Paulo, v. 10, p. 07-28, 1993. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>>. Acesso em: 24 jun. 2018.

OLICK, J. K.; J. ROBBINS. Social memory studies: from “collective memory” to the historical sociology of mnemonic practices. **Annual review of sociology**, Palo Alto, v. 24, p. 105-140, 1998. Disponível em: <<https://www.annualreviews.org/doi/10.1146/annurev.soc.24.1.105>>. Acesso em: 24 jun. 2018.

_____. Collective memory: the two cultures. **Sociological theory**, Washington, v. 17, n. 3, p. 333-348, nov. 1999. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/pdf/370189.pdf?seq=1#page_scan_tab_contents>. Acesso em: 24 jun. 2018.

_____; VINITZKY- SEROUSSI, V.; LEVY, D. **The collective memory reader**. New York: Oxford university press, 2011. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=Fq8R3G-0t9gC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 24 jun. 2018.

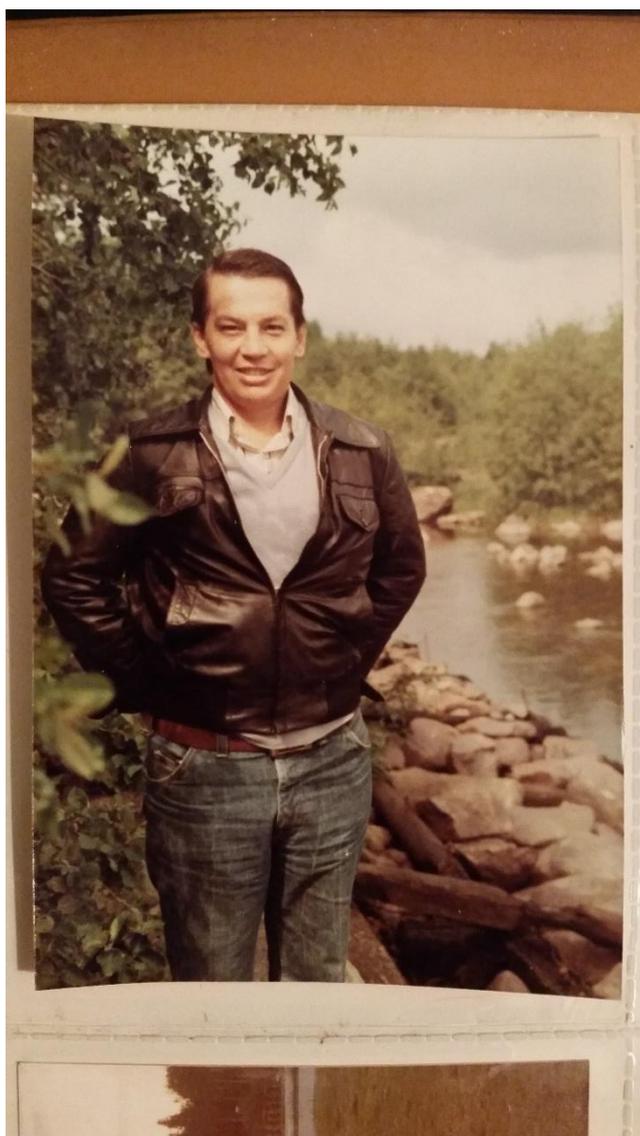
RIBOT, T.-A. **Les maladies de la mémoire** [1881]. 18. ed. Paris: Felix Alcan, 1906. Tradução de Veridiana Cordeiro (2015).

TERDIMAN, R. **Present past**: modernity and memory crisis. Ithaca; London: Cornell University Press, 1993. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=17KJrVyDUH8C&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 24 jun. 2018.

APÊNDICE A – Fotos do exílio

Álbum que Oscar trouxe da Europa quando encontrou com Dora e Santos, para tranquilizar a Chiquita, que tinha muita saudade dos familiares.

Santos no exílio em Suécia. Década de 1970



Dora no exílio em Suécia (década de 1970)



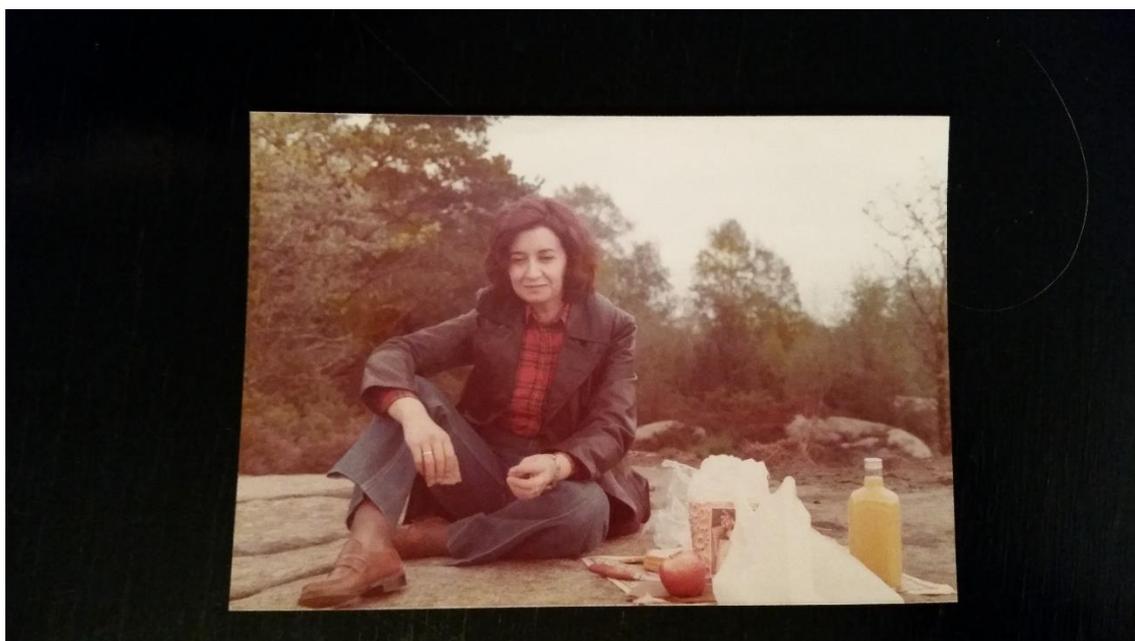
Dora no exílio em Suécia (década de 1970)



Santos no exílio em Suécia. Década de 1970



Dora no exílio em Suécia (década de 1970)



Ato político socialista na Suécia que Dora e Santos participaram (década de 1970)



Santos no exílio em Suécia. Década de 1970



Santos no exílio em Suécia. Década de 1970



Dora no exílio em Suécia (década de 1970)



Da esquerda para a direita: Santos, Sofia e Chiquita, os três irmãos. 9.02.2018 (dia da entrevista)



APÊNDICE B – Transcrição da entrevista 1

Voice 1 – duração 10 min

- Erika– Mas não a pegaram?
- Chiquita - Não, graças a Deus não me pegaram. Reparti muitos papezinhos, joguei muitos papezinhos, mas nunca me levaram presa. Ele pode de te dizer o que viveu aqui no Uruguai, sendo militante de esquerda e da companheira. Eu te digo que sou militante de esquerda, e tive a sorte de que nunca me pescaram, viu. É bom em parte nós que somos de esquerda somos felizes porque conseguimos o que queríamos apesar de que perdemos companheiros e uma quantidade de gente. Uma coisa te queria dizer que se tu quer saber algo de dados de desaparecidos, no cerro está o mausoléu que estão em acrílico o nome de todos os desaparecidos, se ela quer fazer uma filmagem do nome dos desaparecidos, não estão as fotos estão os nomes. Eu integro, sou uma militante de esquerda e tenho um comitê de base, é um lugar onde nos reunimos todos, um grupo de esquerda, para trabalhar pela esquerda. Aí se integram todos os grupos políticos de esquerda que queiram, e aí trabalhamos, aí conversamos e trabalhamos pela esquerda, viu. Até dois meses atrás, fui a presidenta desse comitê, agora passei adiante, e o domingo passado fazia 27 anos da comemoração do Frente Amplio e tivemos um ato fabuloso, que pena que não vieram, em Piriápolis. Foi como o êxodo Oriental, todos os departamentos, morreram em Piriápolis, Artigas, Rivera, Salto, chegamos às oito da manhã ali e os ônibus estavam chegando, porque muitas pessoas não conheciam o mar então vinham para passar o dia, o lugar estava cheio, e eu fico engasgada (emocionada)
- Alejandra - Claro, por que isso te emociona a alma
- Chiquita: sim, e eu dizia porque, porque a direita nos acredita (no sentido de ter) como mortos e nós seguimos lutando e seguimos lutando viu pelos direitos, então ao ver essa quantidade de gente carregando bandeiras uruguayas e de todos os partidos políticos de esquerda e a bandeira do Frente era uma emoção tão grande, tão grande que não importava o que dissessem, o que importava é que as pessoas estavam aí.
- Alejandra: imagino a energia que tinha ali

- Chiquita: Simm, muita. Estava contando para Julián que estávamos saindo do comitê Às 6:30 da manhã e estávamos carregando a camionete, porque íamos fazer venda de linguiça de tudo. Então às 6:30 se carregou a camionete e às 8h estávamos em Piriápolis, montamos o acampamento nosso, e começaram a preparar café, torta frita viu de tudo, café, chá de tudo. Então o vento nos castigava tanto o vento, que a fumaça das linguiças vinha pra nosso espaço, e eu me levantei às 6 da manhã, e pensei vou me maquiar um pouco, porque as vezes te filmam e te perguntam e bom (risadas ao fundo), disse vou me maquiar, vou me colocar um pouco bem e coloquei uns blusões com a legenda do comitê, o comitê tem o nome de um desaparecido do departamento de Maldonado onde eu vivo que se chamava, que se chama – porque não apareceu ainda, (Gélos Bonilla) era um pedreiro da construção que estava sentado na praça de Maldonado na esquina e veio a polícia, o exército tirou ele daí e levou ele preso, levou ele preso e torturaram ele, na base aérea do exército, mataram ele, castraram ele, amarraram ele com fios de aço, e se acredita e se sabe que está enterrado em frente ao aeroporto e ainda tem médicos que viveram no momento de quando ele esteve arrestado, mas não se pôde ainda dizer onde está enterrado, estamos esperando e estamos lutando pelo companheiro que está aí. E fizemos uma placa pra ele, na esquina onde levaram ele, onde ele estava sentado, fizemos uma placa em sua memória, e o nosso comitê leva o nome dele. E pensamos sempre que o dia em que (tomara que eu esteja viva), que encontremos ele, para fazer uma grande festa, e quando fizemos o comitê votamos que nome colocar e o mais votado foi o dele, e levamos o nome dele o busto dele na camiseta.
- Alejandra – e o vento na camiseta? Volta na história que tu tava contando, da fumaça se perdeu na conversa- (risos)
- Chiquita: risos – e a gordura das linguiças e das tortas fritas, a fumaça e tudo, chegava às 10 da noite e estávamos como umas nabas viu, a farinha que voava, a gordura. Tu acredita que a mochila que levamos tivemos que jogar fora, porque engordurou tanto, tanto que foi fora. Então eu me tocava assim e era pura gordura, um companheiro disse que ia chamar os milicos para tirar uma foto (risos) – bom chegamos como de noite era como duas da manhã e eu vinha em um carro com alguns companheiros quando descemos não

podíamos nem caminhar de tão mortos de cansados, eu tinha bolhas na ponta dos dedos então nos sentamos, e uma colega disse não vou sentar, e eu disse mas senta , porque daqui a pouco vem os homens e eles que descarreguem a camionete, mas passamos muito bem o dia. Bom vamos a entrevista, o quer nos perguntar.

- Santos: Como é seu nome, como tu se chama? (falando pra mim)
- Erika: Me chamo Erika
- Santos: Como?
- Erika: Erika, Erika
- Santos: Eu sou Julián, mas me chamam de Santos. Olha referente, quero que me especifiques o que é que tu buscas no relato nosso, até onde a orientamos, porque o relato da história do movimento de esquerda, do partido Frente Amplio, atualmente no poder, não posso realizar, é demasiado ambicioso te contar em meia hora, em uma hora, duas horas, tínhamos que ficar um par de semanas, porque é muito rico, muito rico e de repente tem coisas que um passa e sobre passa na vida e depois são vitais, e fica ruim em um relato. No entanto não sei em que podemos entrar, se tu quer que eu fale do movimento de esquerda, ou tu quer que eu fale do meu exílio, não sei.
- Erika: Eu falei com meu orientador do trabalho, tenho um professor, e tínhamos que delimitar muito bem a pesquisa a investigação, e ele me disse, porque tu não fala sobre a história da companheira essa, de Dora Colman.
- Santos: Da minha companheira?
- Erika: Por que tu não fala do papel que ela teve na militância, como é o papel de uma mulher no movimento Tupamaro, como ela entra no movimento? Ela era Tupamaro ou não era? Como funcionava o exílio, pra focar um pouco queria falar só de uma pessoa. Já que tu tens interesse sobre ela, se existe material sobre a vida dela, se sofreu tortura, ou se não sofreu tortura. Porque temos que focar um pouco, porque é muito denso, muito grande.
- Santos: Claro
- Erika: Tudo, e eu ia lhe perguntar, se você pode me falar sobre a vida dela
- Santos: Claro, posso falar sim
- Erika: Se tem alguma informação, e quero te perguntar se posso gravar também, se podemos gravar a conversa, pra mim, pra que eu lembre.

- Santos: Claro que sim, pode sim.

APÊNDICE C – Transcrição da entrevista 2

Voice 2 – duração 1:22:16h (09/02/2018)

- Santos: O que eu conheci dela, que eu a conheci, no ano de 1969 a conheci. Ela era funcionária do Hospital de Clínicas, era *ners* (enfermeira chefe), trabalhava na sala dos bebês no oitavo andar, nono.
- Erika: qual o nome do hospital?
- Santos: O Hospital de Clinicas Manuel Quintela
- Chiquita: O hospital Universitário de Montevideú
- Santos: Então aí, também cumpria tarefas, foi onde ela conheceu digamos os companheiros, que teve o contato, quando começou a trabalhar para o movimento, eu te digo movimento ou organização é o mesmo.
- Então ela começou a trabalhar com médicos que também eram do movimento Tupamaro sim claro.
- Erika: Existia algum tipo de iniciação no movimento, como a pessoa entrava no movimento Tupamaro?
- Santos: Não, não. É através do que estamos conversando contigo, por exemplo. E tu me expressas até onde vai teu pensamento, e eu tenho que consultar com meus companheiros, olha tem uma garota que se expressa assim contra o capitalismo, é a favor das crianças, quer ajudar os pobres e as pessoas desvalidas, e então dizem bom convida ela para uma reunião ou fala pra ela par ver até onde vai, até onde ela pode chegar, então vão seguir falando contigo.
- Erika: Então o movimento se organizava pra trazer as pessoas
- Santos: Claro, e de repente pode ser um médico como pode ser um enfermeiro como pode ser o porteiro, tu não sabe, pode ser o mesmo guarda de polícia mesmo que está aí, porque teve policiais dentro também, e teve gente de todos os tipos e classes sociais. E bom aí ela entra a tomar contato com um e com outro então são pequenas coisas mas que nesse então era muito, por exemplo ir entregar um documento ou atender um doente que estava na casa dele ou em alguma casa clandestina que a polícia não sabia

onde estava, ou curar um companheiro que estava ferido que estava em algum outro lugar como no interior da república e tinha que ir, tem que curá-lo, tem que trazer, tem que levar.

- Erika: Tudo clandestino.
- Santos: Tudo clandestino claro, e sobretudo não somente isso mas ainda expropriar o material com que vai curar a pessoa e a medicação, tem que tirar do hospital, tem que roubá-lo, então tem que roubar a seringa, o bisturi, as gazes, tudo o que tem.
- Erika: E ela fazia isso?
- Santos: Ela tinha que ter, se ela não tinha, tinha que ter outro, mas tinha que estar. Tu não pode curar a um homem com uma cola e um martelo, tem que ter o material adequado, e tinha como, tanto tinha que se conseguiu se realizou , e se obteve, um hospital que se chamou hospital do povo, aí se levaram, se levou gente que se sequestrou, foram uns americanos, uns americanos que vinham adestrar uns policiais aqui e ao governo a dizer pra eles como tinham que atuar e as pessoas que tinham que tirar pra deixar o povo com mais fome, então se tratou de eliminar essa gente, e não foi um foram vários que passaram por aí, por esse hospital do povo, então ao final se descobriu, porque afinal dentro do próprio movimento, dentro da própria organização, tinha gente que, afinal somos todos humanos, então estamos todos propensos a cometer debilidades, e tinham alguns fracos que optaram por denunciar aos companheiros e denunciaram onde estava o hospital e caiu, os policiais o exército descobriram. Então tudo isso tu tinha que lutar, Montevidéu é muito pequeno, Uruguai é muito pequeno, e Montevidéu é muito pequeno mais pequeno, então onde tu fores, onde eu for na União, no Centro, ou qualquer bairro que seja, vou ter algum conhecido, alguém me conhece ou conhece ela ou ela (apontando para as pessoas no local) nos conhecemos todos aqui, aqui nos conhecemos todos e é verdade. O feito é que tens que lutar por tudo isso então, uma das coisas que eu aprendi quando, eu atuei mais a nível sindical, eu trabalhava em um hospital, o hospital Italiano, então o que eu aprendi é que quando havia uma revolta geral que , buscando alguém tinha que trocar de casa tinha que ir pra outro lugar, se eu estava vivendo em *Carrasco* tinha que ir por exemplo pra *Piedras*

Blancas, ou estava no sul e tinha que ir pra o oeste, ela não conhece os bairros (se referindo a mim, entrevistada).

- Erika: não, mas compreendi,
- Santos: Então, viu trocar permanentemente de endereço.
- Erika: Vocês se mudavam juntos?
- Santos: Sim as vezes sim e as vezes não, não era sempre que andávamos como casal, como grudados, as vezes sim, e as vezes passava uma semana uma semana e pouco e eu não a via ou ela não via a mim. Sabia por companheiros que eu estava bem, andava bem e não pergunte mais nada, é suficiente e nesse então só de saber que está bem era muito, muitíssimo. A dor vinha quando caía, ou quando o exército capturava, aí sim, tu tinha que pensar em outra coisa, por que tu sabia que se pegassem alguém iam torturar, porque o método para que tu te declarasse era destruir a tua vida. Fazer de ti uma larva, levar o ser humano a mínima expressão, de que tu não seja nada, que tu vejas eles como deuses, então quando tinha algum caso de um companheiro que caía, pobrezinho, tomara que o matem, porque era preferível que morresse para que não sofresse tanto. E bom o feito da minha companheira, bom é difícil explicar em algumas linhas tudo, todo esse caos, era um caos total aqui, era um caos total, porque tu subia em um ônibus e estavam revistando, estavas sentado e vinha o exército e subia no bus, e revistavam e te levavam porque não gostavam da tua cara e a outra porque não gostavam do vestido e outro porque estava olhando mal (olhando torto) era a critério pessoal não havia uma linha concreta de que dissessem, bom isso é assim por causa disso – não. É porque eu quero. E como tu se levante , e como te olhe, os soldados decidiam.
- Erika: Chegaram a participar de algum ato grande dos Tupamaros? Sem ser essas pequenas missões, que eram importantes, algo a mais que isso?
- Santos: Sim, Sim, participou em atos de. Eu participei, mesmo que não diretamente, digamos no momento de cometer a ação, de uma tomada de uma cidade em um departamento, que foi tomar todo o centro, como o corpo de bombeiros, os policiais, e o banco para tirar dinheiro para financiar o movimento. E...se estudou, se praticou, se estudou 4 ou 5 práticas e logo se transitou com uns 4 ou 5 carros, se alugou carros para fazer um traslado de

um morto, então fizemos uma caravana e nos carros íamos nós de, e nós éramos como se fossemos quem tinha perdido o morto, aparentemente.

- Erika: Em que ano foi isso? Mais ou menos
- Santos: 1976 (não ficou claro no áudio)
- Alejandra: os “parentes” eram eles do movimento que estavam no cortejo do velório
- Erika: Sim, como se fossem os parentes do morto que não existia
- Santos: Claro e bom, chegamos à cidade essa e se tomou o que estava planejado
- Erika: e houve sucesso nisso? Conseguiram?
- Santos: Sim, logo, houve vários companheiros mortos, o exército nos perseguiu e nós fugimos.
- Erika: e vocês conseguiram fugir.
- Santos: por sorte
- Erika: e quando decidiram sair e ir para Argentina? Os dois
- Santos: Não, no ano de 1973 estava muito golpeado o movimento não? Então nos disseram que tínhamos que sair do país porque já não tinha mais lugar pra a gente ficar nos procuravam por toda parte né,
- Erika: sim, e era muito pequena a cidade
- Santos: saímos do país e nos levaram para a Argentina, na Argentina fomos para um povoado, uma cidade longe de Buenos Aires, chamada Morón, aí vivemos em torno de um ano, e aí tinha um irmão meu que vivia perto, e meu irmão não sabia de nada né, estava a margem de tudo. E logo percebemos alguns rostos estranhos e olhares meio estranhos e tivemos que nos mudar para Buenos Aires, estivemos em pensão, estivemos em casa, estivemos também na rua dormindo na rua, e ficamos nos mudando por aí, eu estive duas vezes detido em Buenos Aires, minha companheira sofreu um ataque também na entrada de casa vinham correndo atrás dela e ela chegou primeiro e abriu a porta e bateram com uma coronhada na cabeça dela, e eles se assustaram os milicos saíram correndo achando que tinham matado ela, e não. ela se salvou, porque se salvou, por que caiu dentro se caía do lado de fora capaz que a matavam, porque se fechou a porta atrás dela. E a mim,

bom, me fizeram umas judiadas, me bateram, me colocaram uma canaleta que colocam a uns 220volts que tu pula que nem um sapo e bom e

- Erika: e lá na Argentina conseguiam se comunicar com Uruguai?
- Santos: sim
- Erika: e tinha gente do movimento daqui (Uruguai) lá na argentina/
- Santos: sim, nesse momento quando nós fomos pra lá, Argentina era uma invasão de uruguaios impressionante havia aproximadamente uns 500 mil uruguaios em Buenos Aires, eles iam em caminhões, iam de monte. E depois claro o exército se organiza, os exércitos da América Latina da América do sul – Uruguai, Pinochet , no Brasil também e eles se apoiavam todos e Paraguai e todos esses países praticamente estavam com ditadura, ditaduras
- Erika: Foi um atrás do outro né
- Santos: Claro, sim, sim, sim, como está se repetindo hoje a história (*ojo el gol e*) por exemplo o que ocorre no Brasil com Dilma e com o companheiro, e é um ataque que vem aos Venezuelanos e quiseram que fosse aos equatorianos e quiseram também fazer aos bolivianos e aqui nós acabamos de passar uma atitude que muitas pessoas vão dizer que passou um pouco despercebido mas aqui nos atacaram forte, aqui um vice- presidente teve que renunciar porque foi tão a investida que trouxe a direita que em determinado momento nos vimos acoados (arrinconados) – acoada a esquerda porque eram denúncias de todo o tipo e sempre infundadas tipo assim Dilma tipo que tiram não sei de onde. Mas isso tudo se elabora nos Estados Unidos, se reúnem aí e elaboram políticas pra cá, agora veio um político, não me recordo o nome “*Pilerson*” acho que se chama, na Argentina e deu instruções ao presidente argentino o que ele tem que fazer e logo foi à Colômbia, foi ao Peru, porque Peru e Colômbia cercam a Venezuela, então, porque eles estão preparando algo pra Venezuela, depois tu lembra, que tu é mais jovem que eu, estão preparando algo forte para o presidente Venezuelano. E porque estiveram aí, estiveram em Colômbia e organizaram tudo e agora parece que vão apertar mais ele, vão endurecer mais a medida para Venezuela, para o Maduro e bom.
- Erika: e vocês usavam algumas táticas, tipo nomes falsos essas coisas?
- Santos: Sim

- Erika: tinham que usar
- Santos: claro
- Erika: e documentos, e carteira de identidade
- Santos: bom, isso funcionou tudo, hoje não, hoje é outra coisa, hoje vivemos em uma democracia plena, hoje estamos falando daqui, e no tempo da ditadura isso era impossível uma reunião como a que estamos fazendo aqui, falando,
- Erika: mesmo assim dentro casa?
- Santos: sim, eu não me animaria a falar porque não confio
- Chiquita: porque não ía ter confiança em ti
- Julián: Não teria confiança em ti, não saberia nem quem tu és, nem ele, então não poderia falar, eu falaria do tempo de coisas banais, antes mais de duas pessoas era uma patota, então eles te levavam preso,
- Chiquita: não podias caminhar na rua
- Santos: não podias caminhar na rua, se tu ía festejar o aniversário de uma criança, tu tinha que tirar uma licença da polícia e dizer os nomes de cada um que ía vir na tua casa
- Cuiquita: o último companheiro que enterramos em Buseo, era do partido comunista que o balearam na rua, e ele estava ali parado junto com outros caras do movimento e mataram ele, então eu trabalhava no sindicato médico em frente e tinha que enterrar ele e se levava a pulso até o Buseo viu, então tínhamos que caminhar pela rua de três nada mais que isso, sem uniforme de trabalho sem nada, se saímos mais de 3 nos dividíamos nas calçadas e chegamos para nos unir ao cortejo e bom estávamos com a bandeira uruguaia íamos cantando o hino nacional permanentemente e em cada esquina aparecia os milicos e os franco atiradores nos telhados viu, e no cemitério de Buseo estava a estação de ônibus de Ambel, então de certa forma estávamos protegidos, mas muito doloridos com a morte do companheiro, e mesmo no cortejo ao morto era um risco, tudo era um risco viu? Se tu fizesse um sinal pra esses milicos que tu fosse de esquerda não te perdoavam, como esses feitos houve muitos, o primeiro mártir que temos , houve um de um estudante, não sei se tu sabe a história dele, ia em uma manifestação de esquerda, o primeiro mártir que temos, e depois o segundo

mártir que temos é Suzana Pinto uma garota que era professora que também morreu e assim viu eram coisas que tu não podia confiar no teu próprio companheiro de trabalho e ninguém, nem sabias que teu companheiro de trabalho estava ligado à organização, eu não podia te dizer que estava na organização, eu trabalhava para a organização se via condições em ti para comentar sobre a organização, eu te dizia , tu não te anima a repartir uns panfletos ali? Aí tu ia calculando, mas eu não sabia que companheiro estava envolvido até as orelhas, porque tiveram médicos de que foram avisados de pessoas do movimento que estavam sentados no escritório e souberam e levantaram e se foram embora, desapareceram viu, então era um momento muito difícil, eles (Julián e Dora) o viveram, a companheira dele uma guerrilheira foi uma guerrilheira, teve a sorte que pode sair do país, que pôde sair do país mas nada mais viu? Não tem, por isso que eu te digo pra chegar a compreender a um guerrilheiro tem que ler a história da guerrilha, viu? A história , como se formou, como trabalhavam como os golpes que deu, porque o faziam né? Estavam querendo defender um povo que estava submergido diante uma direita.

- Santos: Seria bom que fossem a uma livraria,
- Chiquita: eles tem computador
- Santos: um computador vocês tem?
- Erika: Sim
- Santos: e bom aí
- Chiquita: isso se sentam no computador e pesquisem mais, agora no Uruguai se está querendo introduzir dentro da educação primaria e secundária a história da ditadura nossa, viu? Eu por exemplo tenho um filho que é militar, está na força aérea, na minha casa meu esposo e eu (eu sou viúva) éramos de esquerda fechados, viu? Ao garoto nunca se disse isto, isto ou aquilo, ele escutava as nossas conversas, as reuniões com os companheiros a compra de livros clandestinos, tudo. Sempre ele gostou muito de ler e as vezes eu ia ao dormitório dele e ele estava com um livro de esquerda viu? Livros de esquerda! E ele começou a força aérea, e estava na escola e ele dizia que era um Tupa infiltrado e que ninguém sabia, e os milicos riam. Hoje ele pode dizer dentro do núcleo militar que ele é de esquerda viu? Porque existem

muitos milicos hoje que são de esquerda. Os caras não tem medo de dizer que são de esquerda, e até as eleições passadas, o Ministro da Defesa era um dos cabeças dos Tupas. Por isso eu te dizia se tu quer saber mais da história de toda a nossa revolução, o importante é te enfiar em um computador e pesquisar a história.

- Santos: Porque não sei como chegou a ti a informação do movimento político aqui no Uruguai, a transformação os avanços que se deram, mas aqui está o movimento Tupamaro, mas também está o partido comunista, o partido socialista, o partido trotskista,
- Chiquita: a esquerda está formada por vários
- Santos: Está formada por muitos, o Frente Amplio é uma colcha de retalhos, o que temos de virtude que debatemos, discutimos gritamos e nos dizemos as verdades cara a cara ,a esquerda, e talvez até brigamos, e discutamos, e fiquemos dois ou três dias bravos, mas chega o momento e nos colocamos de acordo, buscamos alguma centralidade aí, um ponto e nos colocamos de acordo, e seguimos avançando. Um pouco lento, queria que fosse mais rápido mas as vezes não se pode, nos falta muito ainda, é difícil, mas avançamos, coisas que não existem em outros partidos.
- Erika: No Brasil, a esquerda está muito desorganizada
- Santos: O Brasil lamentavelmente, é diferente, o aspecto político também, é muito diferente, é que nós, todo os partidos de esquerda aqui levantamos a bandeira do Frente Amplio,
- Erika: Existe uma bandeira que unifica
- Santos: Agora, tu vai dizer: como se põem de acordo católicos com um Tupamaro? Em uma mesa que tem que expor? E discutindo, falando, e outros companheiros argumentando, e falando e falando, e discutindo, e falando e ao final se entendem, porque o movimento, o Frente Amplio também foi integrado por católicos, então, houve gente, gente política que vieram dos partidos tradicionais de direita e passaram pro Frente Amplio, foram para o partido de esquerda, e foram grandes dirigentes políticos,
- Chiquita: Caraballo e Michellini e todos esses.
- Santos: e mesmo, Sendic era Colorado, e foi nosso líder, foi e será. Tabaré Vasques por exemplo é socialista, o Pepe Mujica é Tupamaro, tu vê que não

sei mas se tu estudar um pouco ou ficar alguns dias aqui , e se tu estudar um pouco, tu vai se perguntar como se podem entender esses loucos, os comunistas com os Tupamaros, se quando tudo começou nos batíamos a ferro (expressão), íamos a manifestações sindicais no primeiro de maio, as vezes pela morte de um companheiro, os comunistas geralmente se juntavam todos e os socialistas por outro lado queriam sempre nos fazer calar, e nos arrebatávamos acorrentadas e a pauladas, e depois terminávamos todos sentados em uma mesa, porque vimos avançamos e nos demos conta que sozinhos não íamos conquistar nada, ou nos juntávamos ou nos eliminávamos, então a lucidez teve Seregni que tratou de nos juntar todos e bom armar uma coisa aí, mas aí hoje em dia o Frente Amplio está composto por inúmeros grupos políticos que se tu for analisar, não tem nada a ver um com o outro, mas findada a discussão pendemos todos pro mesmo lado, e nas votações, e podemos levar três eleições que o Frente faz a maioria parlamentar e que são 50 os que tem que votar o Frente Amplio faz 51 mas houve momentos em que alguns do Frente Amplio , algum político, também se passou pro outro lado, renunciou a bancada e não tínhamos números para aprovar uma lei e o Frente Amplio teve a virtude a lucidez , de ir levando e conversando ao longo do tempo até que se conseguia ter maioria ou convencer a alguns do outro partido, a vida está feita de tudo a base de sacrifícios, e diálogo, se levantaram os ricos do campo os donos do campo, os donos das vacas os donos de tudo e fizeram uma plataforma política e o governo tem que baixar o petróleo tem que subir o dólar, tem que isso tem o outro, tem que expulsar todas as pessoas que estão ajudando, porque o governo ajuda os pobres, ajuda, ou dá comida ou da escola ou dá uma ajuda em dinheiro pras pessoas que precisam, enfim essa gente vem dos confins do mundo sofrendo e sempre assim e não podemos esquecer-los não podemos porque são seres humanos, o povo, e se constroem casas e são duas mil e três mil e são 50 mil moradias que se dão e sempre falta, e sempre estamos rechaçados igual que a educação, temos várias coisas que faltam a educação a moradia

- Chiquita: Uruguai tem evoluído muito na saúde, na moradia, e a educação está a passos lentos falta muito ainda, , mas o sistema nacional de saúde tem sido fabuloso. Nós aqui pra nos operar de catarata tínhamos que pagar 3 mil

dólares em qualquer lugarzinho pra operar, então, Cuba, nos ajudou, nos mandou cubanos de lá, e o hospital Ferreira, dos idosos, é o hospital de olhos. Vieram os cubanos especialistas nisso grátis, e tu não sabe os milhares, milhares, e milhares de gente que voltaram a ver por esse sistema.

- Santos: foram feitas reformas impressionantes,
- Chiquita: impressionantes, onde tu te opera e já vai pra tua casa
- Santos: Comparar com a revolução Russa, as pessoas no campo que jamais tinham conseguido nem um dia de licença nem nada agora tem uma jornada de trabalho, trabalham 8 horas diárias, antes trabalhavam de sol a sol, desde que saía o sol até quando se punha
- Erika: tua companheira nunca foi capturada?
- Santos: sim, sim.
- Santos: tu queres falar da minha companheira,
- Erika: quero, tenho muita curiosidade
- Chiquita: é o que ela quer, apaga tudo o Frente
- Erika: Não, não. Quero saber do Frente, tenho que colocar sobre isso também,
- Santos: Bom ela é como, milhares e milhares de companheiras que colocaram seu grãozinho de areia na construção disto que estamos conversando hoje, e a função dela geralmente era digamos, não permitiam que ela andasse em atos, mesmo assim ela ia igual, bom em atos e essas coisas,
- Alejandra: em atos públicos
- Santos: Claro, porque ela tinha que estar a nível, com os médicos, e ia curar algum ferido
- Erika: era mais envolvida com a saúde também
- Julián: Claro, estava envolvida com a saúde, isso aí. Então, logo chegou um momento que todo mundo se viu desbordado, aqui tinha um grupo que estávamos, uns que estavam no aparato militar, que dizíamos que eram os que enfrentavam que andavam com armas e fazendo coisas, e estavam os outros a nível de base que eram a nível de assembleia de grupos de rua
- Erika: tinha uma organização

- Santos: Claro, tanto é assim que nós carecíamos de organização porque tu viu que perdemos, os militares nos ganharam, Pepe disse que não tinha mais velocidade que não conseguiu correr mais, e mais e depois daqui ela esteve aqui esteve detida em um quartel que fica aqui na frente entre a republica
- Erika: Antes de Argentina isso?
- Santos: sim sim, antes de ir a Argentina,
- Erika: ta
- Santos: foi antes de nos levarem pro outro lado do mundo, e se trata de que a tarefa dela era a nível médico e ia a reuniões a levavam davam roupa pra ela, se era inverno davam pra ela casacos de pele, a vestiam bem,
- Erika: era um posição
- Santos: era meio elegante ainda, tinha essa má sorte que era elegante então ela ia, levavam ela a reuniões onde haviam representantes, até militares e tudo, e ela passava como uma dondoca aí e logo quando começou a aperta e ficou feia a coisa, e já não tínhamos pra onde ir como eu te contei antes, nos levaram pra Argentina, fomos pra Argentina e aí passamos momentos ruins, e aí duas vezes me tiveram detido e aí me bateram muito
- Erika: e depois te liberavam?
- Santos: que?
- Erika: te liberavam? Te prendiam
- Santos: claro e aí quando fomos por uma organização que se chamava ACNUR que defende que se preocupa ACNUR pelos refugiados, que trabalha com todos os refugiados então, qualquer coisa que acontecia com a agente eles estavam a par, e trabalhavam a nível internacional isso, e acho que estava em Suíça ou Inglaterra a sede central mas trabalhavam a nível com todo o mundo né, e em seguida se moviam. Por exemplo a mim me tiveram detido a primeira vez por uma semana e a segunda vez estive como um mês, que foi quando me bateram e me machucaram e me romperam os rins e então, mas aí intervém, os representantes desse movimento internacional como se fosse a ONU algo assim, para refugiados e então tinha poder tinha força, tinha pelo menos nesse então, e bom e nos liberavam mas sabíamos que nos largavam mas nos estavam controlando, que essa vez tínhamos batido na próxima vez

- Erika: isso foi só um susto
- Santos: claro, essa vez tinham nos batido, não ia ser com borracha ía ser com munição. Ou várias vezes me ofereceram pra ir pro sul da Argentina, e ofereciam um terreno, eu não aceitei nunca, porque já tinham me dito, não aceita sair daqui porque tu vai pra lá e lá ninguém conhece e tu te perde e tu não aparece mais, e chegou um momento que também, que em Buenos Aires se fez impossível, não se podia nem caminhar, por que pra todos os lados te perseguíam.
- Erika: isso, essas vezes que o pegaram, foi em Uruguai ou Argentina?
- Santos: Não. Em Argentina, me. No Uruguai me pegaram
- Erika: uma vez
- Santos: também, mas me pegaram várias vezes, no Uruguai, eu estive preso muitas vezes aqui, tudo em aspecto de trabalho sindical, eu era sindicalista, então me levavam
- Erika: qual sindicato era?
- Santos: O sindicato da FUS – Federação Uruguaia da Saúde,
- Erika: do hospital que o senhor trabalhava
- Santos: sim, e também foi complicada, foi complicado em todos os aspectos, né,
- Erika: e ela foi, a pegaram aqui e lá também
- Santos: sim aqui e lá também
- Erika: e como foi isso? Como a pegaram?
- Santos: a pegaram, ela estava em casa, eu trabalhava em um limpava escritórios, era o trabalho que eu podia fazer porque não tinha papéis então tinha só uma documentação de ACNUR que tinha entrado como refugiado, e com esse papel, quando me conseguiram um trabalho que era limpar e limpava a noite de madrugada ia a uma e limpava até as 9, 10 da manhã, bancos, escritórios públicos, tudo isso, e eu vim pra casa, vivia em uma pensão e bom estavam me esperando a polícia, dentro, como se fosse ratoeira, eu entrei fechei a porta e te torcem te empacotam e te levam, e
- Santos: e com ela também foi assim
- Santos: com ela também, sim, claro
- Erika: ela te contou como foi ir presa?

- Santos: sim, ela aqui em uma oportunidade, levaram ela e ela estava grávida, e levaram ela a um quartel, e perdeu a gravidez, porque, a violentaram, ao redor de 7 ela se lembra que possivelmente foram uns sete que a violentaram, assim em fila, mas,
- Erika: e grávida
- Santos: grávida estava, e ficou a ponto de morrer ela também, tiveram que soltá-la porque senão ela ia morrer, os companheiros a salvaram, e em Buenos Aires também, esteve detida, depois de Buenos Aires alguns nos disseram que já não podíamos estar mais aí, estavam em processo a ditadura, na Argentina, estava pra cair o Governo, então tínhamos que sair urgente e pensávamos em Chile, e Chile ainda não estava Pinochet, o ditador, então aí quando estávamos planejando tínhamos tudo pra ir pro Chile, tínhamos a pessoa que ia nos levar à fronteira do Cilhe, veio o golpe militar no Chile, que matam o presidente no Chile, e nos arruinou a viagem ao Chile, então, ACNUR nos tirou e os Suecos vieram nos buscar pra nos levar ao aeroporto, o governo sueco a embaixada sueca, em Argentina,
- Erika: Tudo por ACNUR?
- Santos: Sim, sim, Claro, nos levaram para Suécia, e eu nunca tinha ouvido o idioma sueco nem nada, não sabia nada, sabia da Suécia pela escola e de estudar mas né, e chegamos em Suécia, e bom, aí foi duro também porque não tinha nada a ver, é um país que não tem nada a ver com nós, então tu tinha que se adaptar
- Erika: e isso que ano mais ou menos?
- Santos: que?
- Erika: Que ano foi isso mais ou menos?
- Santos: foi em 75, 75, aos fins de 75. Então nos dedicamos a denunciar tudo o que ocorria aqui, formamos comitês os uruguaiois, então conseguíamos intérpretes, garotos que podiam nos traduzir, o que nós dizíamos e repartíamos panfletos, fazíamos espetáculos , iam os artistas que estavam no exterior e cantavam tocavam violão, e o piano e tudo isso, para os suecos e... e aproveitávamos para difundir tudo isso
- Erika: Em que cidade da Suécia vocês ficaram?

- Santos: Aonde chegamos? Em um acampamento, os suecos tinham uns acampamentos preparados para nós, eram todos barracões, barracões de madeira aos quais aí tinham famílias sem filhos e outros pra famílias com filhos aí estivemos três meses, vivendo aí, onde aí eles nos davam o café da manhã, a cama completa com tudo te davam o café da manhã, o almoço e a janta, então e também nos davam aulas de sueco, para que aprendêssemos o idioma, porque o que eles queriam era que nos integrássemos na sociedade sueca porque era uma sociedade que tinha muito pouca natalidade, muito pouco tem filhos né, então estavam vazios o país, e queria que a gente ficasse para trabalhar e nós dizíamos que sim
- Erika: Não tinha outra coisa que fazer né
- Santos: nunca me passou pela cabeça que eu ia ficar na Suécia, claro que eu tinha que ficar agradecido que tinham salvado a minha vida que tinham me tirado daqui e tinham me dado tudo, cheguei na Suécia, me deram cama me deram comida me deram roupa me deram tudo. Claro que eles tinham interesse, em nós em nosso sangue novo, eles tinham um sangue muito velho o sangue sueco e tudo isso né, não tinham família é uma sociedade que já estava assim
- Erika: e existia alguma diferença entre a atuação de mulheres, para a atuação dos homens dentro da organização?
- Santos: Tinha, claro, sim. Claro que sim, as mulheres atuavam em um nível segundo a capacidade que tinham, ou seja, uma mulher podia trabalhar perfeitamente entre os homens, com os homens, e o mesmo para os homens, mas geralmente, a mulher por características físicas tinha outra conjuntura física que o homem, então tinham coisas que as mulheres não podem
- Erika: Porque senão elas iam morrer?
- Santos: Mas claro, então as mulheres existiam tarefas que faziam perfeitamente tarefas administrativas, tarefas de
- Erika: Não eram excluídas
- Santos: Não, em absoluto, ao contrário,
- Leonardo: Manuseavam armas?
- Santos: Sim, sim, sim,
- Erika: E tinham treinamentos, de como passar por tortura

- Santos: tinha, tinha
- Erika: Como eram orientados vocês a passar por isso?
- Santos: Geralmente, o que se dedicava mais era manuseio de armas, o manuseio de organizar, por exemplo tarefas de enfrentar ao exército, então íamos pra fora, nos passávamos uma semana praticávamos com armas, por exemplo
- Erika: no campo
- Santos: sim no campo
- Erika: escondidos
- Santos: sim claro, atrás de um morro, próximo a um rio
- Leonardo: todos
- Erika: homens e mulheres?
- Santos: Homens e mulheres sim, homens e mulheres
- Erika: e qual era a orientação para quando fossem capturados, qual era a principal orientação?
- Santos: resistir, resistir, por exemplo me diziam resistir um dia, um dia pediam que resistisses, porque assim tu dava tempo para as pessoas que trabalhavam contigo, se estávamos e se fosse capturado e se eu me calasse por um dia as pessoas que estavam aqui tinham que ir embora, essa era a consigna, para que não se perdessem os outros, para que pudessem fugir, mas tinha gente que resistia heroicamente, e outros que não, que morriam e isso é segundo a natureza humana,
- Erika: havia algum tipo de simulação de tortura pra que você treinassem como seria
- Santos: não , não ,
- Erika: só o pedido para que resistissem o máximo que desse
- Santos: claro, nos reuníamos e cada um argumentava de como seria a solução para salvar ao companheiro que ficou preso, porque a consigna é que eles tem que aguentar 24h a tortura para dar tempo para que os outros saibam, apenas saibam que caiu o outro e poder disparar e se esconder
- Erika: então pelo que eu entendi, era necessário ter muita gente distribuída em muitos lugares, inclusive no exército

- Santos: em todos os lados tinha, em todo os lados tinha pessoas infiltradas, assim como o exército infiltrava também em nós, por isso a desconfiança que eu te dizia que tínhamos que ter, que eu não podia dizer isso porque etc, porque era uma guerra estávamos em guerra, então tu não podia confiar em um rosto que tu não conhecesse, ou alguma pessoa que tu não tivesse visto atitude nenhuma, então nós nos infiltrávamos no meio deles e eles no nosso,
- Erika: e vocês percebiam esses comportamentos diferentes que não eram do grupo de vocês, por sensibilidade por experiência dentro do grupo?
- Santos: Claro, sim muitas vezes algum dele falhava, inclusive existe um traidor que estava vivendo na Espanha que veio fazer pouco aqui, que se chamava...é tão miserável esse cara que até me esqueci o nome dele, bom daqui a pouco eu vou me lembrar.... Amodio Peres, Amodio Peres trabalhou, inclusive aqui, vendeu sua liberdade denunciando os companheiros passou pro exército, e logo o exército fez como se fosse um passaporte pra ele e pra companheira dele, e mandou eles pra Espanha, e veio aqui fazer uma denúncia e veio com o passaporte falso, e ficou preso aqui, depois tiveram que soltar ele porque Espanha tem muito poder e tá, e ele foi embora outra vez, mas ... são coisas que ocorrem na natureza humana, como eu te dizia, ocorre que umas pessoas são mais fracas que outras
- Erika: o que fazia com que vocês seguissem, mesmo sendo presos e saindo e sendo torturados e voltando
- Santos: a vontade humana, a consciência que tem cada pessoa, cada pessoa tem algo por dentro, amor próprio, consciência, que nos leva a fazer coisas, que nunca ninguém imagina que possa fazer, as vezes tu está tão cansado, tão cansado que tu diz: ah não dou mais um passo, e mesmo assim não mas tenho que chegar, tenho que chegar, e tu chega, então as vezes, não mesmo que me batam no digo a eles, não digo a eles, porque eu vou dizer a estes em vergonhas se vão me matar igual
- Erika: e a você também perguntaram coisas quando estava preso
- Santos: como não, claro, e aí tu tem que mentir até que eles averiguem, porque por exemplo, se tu já está cansado e tu já não pode mais e tu quer que não te batam mais tu dizia, olha do outro lado do país eu estive aí e estão

aí ...e aí eles vão até lá verificar e tu tinha um tempo pra descansar , mas depois quando voltam é pior, aí vão te dar outra (surra subentendido)

- Erika: e existiam alguns tipos específicos de tortura? Aqui no Uruguai?
- Santos: Sim, nesse tempo quando eu estive preso no Uruguai, quando no início da ditadura e o exército estava pouco, digamos pouco treinado, depois vieram treinadores americanos e tudo isso para treinar o exército daqui como beliscar embaixo das unhas, de colocar correntes nos dentes e lá embaixo (genitais) para te enlouquecer, mas antes quando eu estive me batiam eram tão brutos os milicos que me davam chutes
- Erika: depois de repente eles se especializaram
- Santos: sim sim,
- Erika: no princípio quando o senhor foi preso não era tanto
- Santos: é, e depois foi evoluindo, foram evoluindo. Na Argentina estavam mais adiantados
- Erika: quando já estava mais avançado assim vocês já estavam na Suécia, quando estava esse nível de
- Santos: claro , mas eu passei pela Argentina no que se chama, Escuela de la Armada, eu estive aí como um mês e meio preso aí e detido e a primeira que me fizeram me penduraram em um pau, e como eu sou baixo de estatura não apoiava o pé no chão apenas as pontinhas dos pés e tu pode imaginar dez horas estar aí , me matem eu pedia. E bom depois me colocaram em um cavalete, mas de canos e te amarram por baixo e te deixam imóvel,
- Erika: tipo, lá no Brasil se chama muito de Pau de Arara, “Palo de Arara” que é quando te amarram as mãos e os pés em um pau e te deixam virado pra baixo
- Santos: não, esse te deixavam virado pra cima. Te amarravam assim e tu fica assim , (demonstrou com gestos), chega um momento que parece que estão te cerrando, parece que estão te cortando ao meio. E choques elétricos, pegam um balde de água jogam em ti, te molham e tu fica jogado, te jogam o balde de água e te colocam uma coisa elétrica na água
- Erika: E fizeram isso no senhor
- Santos: Sim, e tu pula como um sapo “ pumba, pumba, pumba, pumba” eu vim aqui, eu tenho marca passo tenho *stand*, tenho como quatro ou cinco aqui

no coração, e eu penso que é tudo consequência disso, eu agora por exemplo caminho muito pouco porque eu me sufoco, me falta o ar, e penso que seja do coração também,

- Chiquita: tu contou pra ela como que fim deu a Dora? Dora vem da Suécia já com problemas da troca de país por causa do exílio e tudo e ela se transforma em uma paciente, a ser uma paciente viu? Passa a necessitar de medicação para viver, pressionada por tudo que havia vivido na vida dela, e o que ela viveu no exílio, ela volta a seu país com problemas de se adaptar outra vez ao seu país a tudo, ela termina...tu contou pra ela que ela teve uma tentativa de auto eliminação?
- Santos: não. Não chegamos a isso, não chegamos ainda nisso
- Chiquita: Não chegaram?
- Santos: não chegamos porque é tão extenso toda a história que era o que eu te dizia hoje, é muito difícil abarcar isso tudo em uma conversa, de uma vez só é difícil, ela teria que vir e conversar mais dias e tal
- Chiquita: por isso te dizia
- Santos: sim teve tentativa de morte, teve duas tentativas
- Erika: isso lá ou aqui
- Santos: Não. Aqui. Aqui quando veio aqui novamente a vida dela mudou totalmente, mudou lá quando fomos pra Suécia é como se tu fosse a outro lugar como te expliquei hoje, que não entendíamos nada nem nada, e depois quando chegamos aqui já havia tido eleições aqui quando nós voltamos
- Erika: que ano foi isso mais ou menos ?
- Santos: Que?
- Erika: Em que ano foi isso?
- Santos: foi em 1985
- Erika: e aqui termina em 1986?
- Santos: que?
- Erika: Termina aqui em 1986, a ditadura?
- Santos: Não. Aos fins de 1984 houve a troca de governo aqui, começa a princípio em 1985. E apenas quando teve abertura aqui, viemos os dois, bom e ela encontrou aqui, o mundo que nós conhecíamos que viemos preparados não existia então entrou em um estado, e as companheiras já não estavam,

as companheiras dela e ela perguntava por uma e essa uma tinha morrido e a outra também tinha morrido e a outra foi embora e a outra não estava, então era uma coisa que..

- Erika: muita carga emocional,
- Santos: claro então, ocorre que não a suportou, não a suportou, tem pessoas que. Eu por exemplo vou te dizer que as vezes me ponho a pensar, e na verdade as vezes me dá vontade de morrer pra te dizer a verdade, mas tem pessoas que não suportam. Todos não somos iguais então estamos feitos assim
- Erika: ela faleceu como?
- Santos: a operaram, teve uma gravidez utópica, foi ao hospital e tiraram e tudo e depois ela não reagiu, foi ficando, ficando cada vez pior cada vez pior
- Erika: por essa outra gravidez
- Santos: sim e morreu
- Erika: em que ano ela faleceu?
- Santos: foi em 2005, 2005 e...mas...são coisas da vida. Foi uma mulher muito sacrificada e teve muita má sorte, quando chegou aqui teve muita má sorte e caiu no vício de se dar porcarias para os nervos, começou com psiquiatra com psicólogo e por aí foi, e não solucionava nada ao contrário porque encheram ela de comprimidos e não fizeram nadinha os medicamentos esses comprimidos psicoterapêuticos depois continuava tomando esses comprimidos, tem muita gente que recorre aos psicólogos e aos psiquiatras e a todos esses médicos e tem que estar preparada pra enfrentar uma conversa mas as vezes tem gente que não está preparada tem gente que o psicólogo te leva a uma regressão então tem que viver outra vez tudo de novo toda a miséria tudo outra vez e tudo remexe e remexe até que chega um momento que há pessoas que não suportam
- Erika: o senhor tem uma foto dela, algum material assim com registro de foto?
- Santos: Foto posso ver na minha casa se, tenho que procurar
- Chiquita: eu tenho, aqui não. Na minha casa tenho as fotos que tu me mandou da Suécia tenho quantidade de fotos tuas, mas está tudo em Maldonado , ou tu vai ou eu te mando eu vou embora no domingo de manhã par aMaldonado, na segunda-feira posso te colocar no correio me dão um

número de identidade tua e tu retira em três cruzeiros (rodoviária) Eu te ligo por telefone e te digo a tal hora chega o ônibus com a encomenda e tu em Três Cruzeiros tu dá o número do documento e te mando fotos dela e te mando... posso mandar uma foto dela (se dirigindo a Santos)

- Santos: claro que sim
- Chiquita: um par de fotos te mando todos os livros esses que eu tenho por se te interessa, faço uma caixa e te mando porque quando eu morrer esses livros vão ser doados porque meus filhos tem computador e vão saber de tudo, pra mim é uma recordação bonita porque as folhas estão amarelas, então tu pode saber aí um pouco mais de nós da nossa história viu, te mando uma foto deles da época que estão na Argentina e te mando uma foto de quando estão em Suécia, tem fotos que eles encontraram meu esposo na marinha mercante e se encontraram em Alemanha que não era comunista, se encontraram.
- Santos: em Holanda foi
- Chiquita: Não. Foi na Alemanha Oriental,
- Alejandra: tu viajou tanto que tu nem lembra mais
- Chiquita: Oscar viajou até Alemanha, então eles se comunicavam e de Suécia se trasladaram para Alemanha e viveram no barco em que viajava meu esposo quatro dias e tem fotos deles, vou te mandar fotos dela, tem uma que tenho em um porta retrato na minha casa que estão os dois que estão em Suécia ela uma mulher muito bonita muito bonita, era muito bonita com uns olhos grandes e negros um cabelo preto e claro ao se deprimir vivendo o que viveu lá, teve que viver no exílio e voltou pra cá se deprimiu mas foi uma grande mulher foi uma grande militante, viveram juntos no exílio, 13 anos e quando veio pra cá já veio meio deteriorada por viver no exílio. Então a conversa dela depois que veio e se encontrou com um sistema diferente com tudo acabava sempre naquilo que ela viveu, a conversa dela estava sempre baseada nisso estava fechada em um círculo vicioso que era a vida que tinha passado na clandestinidade o que havia vivido, então se transformou em uma doente, ela seguia com o sistema de que a perseguiam de que havia milicos por toda a parte, de que ela tinha que ter um revólver, que tinha que dormir com um revólver no travesseiro

- Erika: ela não acreditava que o país tinha mudado?
- Chiquita: não, ela seguia pensando a mesma coisa, estava doente. Não pôde superar ao que , eu como enfermeira, julgo sobre ela, me atrevo a julgar sobre ela. Ela, viveu tudo isso mas guardou aqui como em um computador e voltou a vida real ao que podia ter vivido feliz de que saímos de uma ditadura e todo e não. Ela seguia que tinha milicos por aqui que estavam atrás da porta que estavam aqui
- Erika: foi tão forte o que passou
- Chiquita: foi tão forte o que viveu que seguiu vivendo isso depois quando não estava mais assim, e não conseguiu viver uma vida feliz, não sei como foi como casal mas eu te digo o que vivia e o que eu via ao redor dela, não se podia ter outro tipo de conversa com ela além do que isso, tudo arredondava nisso, ela estava sentada aqui e dizia “ olha! Um barulho! Parece que os milicos estão chegando” viu, então estava tudo nisso era um círculo vicioso, então começou a se colocar..
- Santos: Tu conheceu ela (se dirigindo a Alejandra)
- Alejandra: eu a conheci e tive o prazer de ter conversado com ela
- Erika: Mas qual foi a causa da morte dela
- Chiquita: Ela, falece dormindo verdade Julián?
- Santos: Sim,
- Chiquita: meu irmão se levanta em uma manhã e vai levar o café na cama pra ela e ela está morta, dormiu com ele, ele com ela do lado morto. Mas penso que se alguém visse no criado mudo dela iam encontra comprimidos de todo o tipo. Viu de todo o tipo porque, porque vivia a base de comprimidos ela pensava de que isto não ia fazer com que ela dormisse, mas isso ela já havia tomado vinte vezes e já não fazia mais efeito então a esse comprimido ela tinha que agregar isso mais isso, ela um coquetel e logo esse coquetel já não fazia mais efeito, ela tinha uma bolsa cheia, quando vieram de Suécia ela trouxe uma caixa assim de comprimidos e ela te dizia, tu dizia me dói aqui e ela pegava um bolso e, e te dava e dizia toma isso que vai te fazer bem viu. Estava psicologicamente psiquicamente estava mal, e por sorte teve uma morte feliz, que dormiu e dormiu que podia ter tirado sua própria vida de outra forma mas não, dormiu feliz, se dormiu se deitou e ao outro dia quando ele se

levanta ela está morta, viu, foi um choque para todos. Uma mulher que tinha como posso te dizer, como preparada a morte pra ela, ela doou seu corpo a faculdade de medicina, o corpo dela foi doado para a faculdade de medicina

- Erika: pela vontade dela
- Chiquita: Sim pela vontade dela, ele também tem seu corpo doado, e isso aqui se faz em vida, se doa o corpo para estudo, mas foi uma grande mulher pra mim foi uma grande mulher, lastima que ao final, tem um final que não é feliz porque termina uma mente consumida, uma mente que atormenta por tudo o que viveu, sempre escondida, sempre tudo, a liberdade que teve foi na Suécia, quando viveram em Suécia, mas foi um país totalmente desconhecido pra eles, adoeceram, ele se transformou em um asmático, e do coração o clima matou eles, então....mas são etapas da vida por uma situação de um país podre, tudo aí, porque se houvésemos tido um país como o que temos hoje que vivemos em liberdade que temos tudo que podemos falar que podemos então não houvesse chegado a ser o que se formou uma guerrilha pra defender as necessidades dos pobres e aí se misturou um monte de gente que terminou mal, que terminou mal mas foi uma grande mulher, coloca no final que foi uma grande mulher, uma grande mulher com uma luta guerrilheira muito difícil na época e depois que viveu na situação que viveu em outros países. Nós fomos muito seguido quando eles estavam, meu esposo e eu, a Buenos Aires quando estavam em Buenos Aires a última vez que os vimos, já os vimos muito mal, estavam vivendo, te lembra quando estavam vivendo, bom tinham se metido em uma religião evangelista, para simular viu, então fomos e os encontramos em uma casa onde era a mulher era milica, e o departamento policial estava em frente, te lembra Julián?
- Santos: sim sim
- Chiquita: e eles viviam, alugavam um sótão e lá os quatro a noite nos deitamos os quatro juntos na cama a conversar e contar as coisas nossas e quando eu já estavam todos os tramites para sair de Argentina, então viajamos por colônia e quando subimos eles corriam pelo monte e a mim eu senti que parecia que estavam me amarrando uma gravata aqui (na garganta) com a sensação de que eu não os ia ver nunca mais nunca mais viu então tu sai pelo caminho com as lágrimas caindo e meu esposo me tranquilizava e me dizia que não ia acontecer nada Chiquita não vai passar nada tu vai ver

teu irmão outra vez e eu desci em Colônia e tu sabe que eu não podia falar porque eu tinha aqui a gravata trancada no pescoço, eu pensava que eu nunca mais ia ver eles, mas eles nem souberam mas fomos ao aeroporto e os vimos lá de longe subindo no avião essa foi a recordação que ficou deles. Depois eu escrevia a todos os meses, todas as semanas, eu escrevia pra ele viu, e contava pra ele, o que fazíamos aqui, que tomamos chimarrão e isso e o outro, bom o que tinha acontecido na semana, mandávamos erva mate, mandava recortes de jornais de revistas para que fosse mais leve a vida deles lá, que soubessem algo daqui mandávamos foto

- Erika: e conseguiam fazer isso, enviar essas coisas naquela época?
- Chiquita: Sim, porque eles revistavam tudo, claro que não mandávamos jornais de esquerda mandávamos recortes de jornais novidades que tinham acontecido no país depois recortávamos fazíamos um pacote e mandávamos pra eles, bom quando me lembro que quando Bordaberry tomou o governo eu recortei uma folha de jornal que tinha a notícia e eu escrevi “ este é o senhor que é nosso presidente, olha que bonito” elogiando e tudo, mas entre nós sabíamos quem era Bordaberry, “ estamos muito orgulhosos do presidente que tempos” mas eu sabia quem era bordaberry viu era o que tinha nos colocado na ditadura
- Erika: que foi ali por 1973?
- Chiquita: Claro, então foi em 1972 entramos em ditadura ein
- Erika: em 1971 foram as eleições
- Chiquita: sim,
- Erika: então 72 já era ditadura
- Chiquita: então nos mandávamos assim
- Erika: que inteligente
- Chiquita: eu escrevia todas as cartas com lágrimas viu
- Erika: vocês tem essas cartas ainda?
- Chiquita: não, eu não as tenho, se ele não tem eu não as tenho
- Santos: Não, eu perdi
- Erika: ahh,
- Chiquita: o que eu posso te mandar é algum postal que eles mandavam de Suécia viu com alguma dedicatória linda pra nós, tudo isso viu, bom agora

quando eu chegue em casa vou selecionar algo, mais importante, que eu ache que é mais importante para te mandar e que tu tenhas uma fotografia dela também para colocar no teu trabalho. Mas depois de um tempo viu eu chorava e chorava que eu não ia ver eles mais porque eu não sabia se nós íamos recuperar a nossa liberdade no país viu, porque seguíamos aqui brigando por isso, e meu esposo – que era uma coisa determinada – me sentou e me disse, tu vai me escutar – não chore mais por teu irmão, teu irmão tem abrigo, tem comida, tem casa tem tudo, viu está vivendo no exílio com a necessidade de seu país mas tem tudo, não está brigando o que estamos brigando nós do lado de cá para recuperar a democracia então deixa de chorar pelo teu irmão, e deixa das cartas com teu irmão, é que eu contava todos os detalhes, até quando via a fumaça das chaminés no inverno porque minha intenção era que essas imagens chegasse até ele, porque as vezes não tinha nada pra contar, contava as travessuras do meu filho essas coisas assim, bom então assim meu esposo me endureceu um pouco, e depois quando Oscar (os esposo) o viu em Alemanha e que veio da Alemanha e me trouxe fotos de Alemanha e de tudo fiquei mais tranquila. Mas sempre pensando, recuperaremos aqui a democracia até que um dia chegou.

- Erika: e como foi esse dia?
- Chiquita: esse dia foi maravilhoso, as caçarolas estavam por todas as janelas batendo e batendo, batendo e soltaram as sirenes e se fez um grande ato lá, ouvimos os discursos de grandes militantes, nos encheu de emoção e saíram na sacada e viu falaram o dito " povo unido jamais será vencido"
- Alejandra: se canta isso né,
- Chiquita: sim claro,
- Erika: isso foi através de um plebiscito?
- Chiquita: não, não foi através de um plebiscito, foi através de eleições nacionais, houve muitos plebiscitos sobre muitas coisas mas essa foi uma eleição porque claro a ditadura se vê liquidada viu então trata de sair, então, aí vem as eleições e nós ganhamos, na verdade a direita ganhou, nesse momento não ganha a esquerda mas tomamos a liberdade, pudemos ter voto,
- Erika: democrático

- Chiquita: democracia, entramos em democracia, mas por eleições democratas, não por plebiscito, mas foi um momento maravilhoso eu te prometo que segunda-feira coloco no correio uma foto e vou te mandar os livros, se não te serve tu coloca em uma biblioteca ou algum instituto ou tu dá pra uma casa de idosos, mas é uma linda recordação.